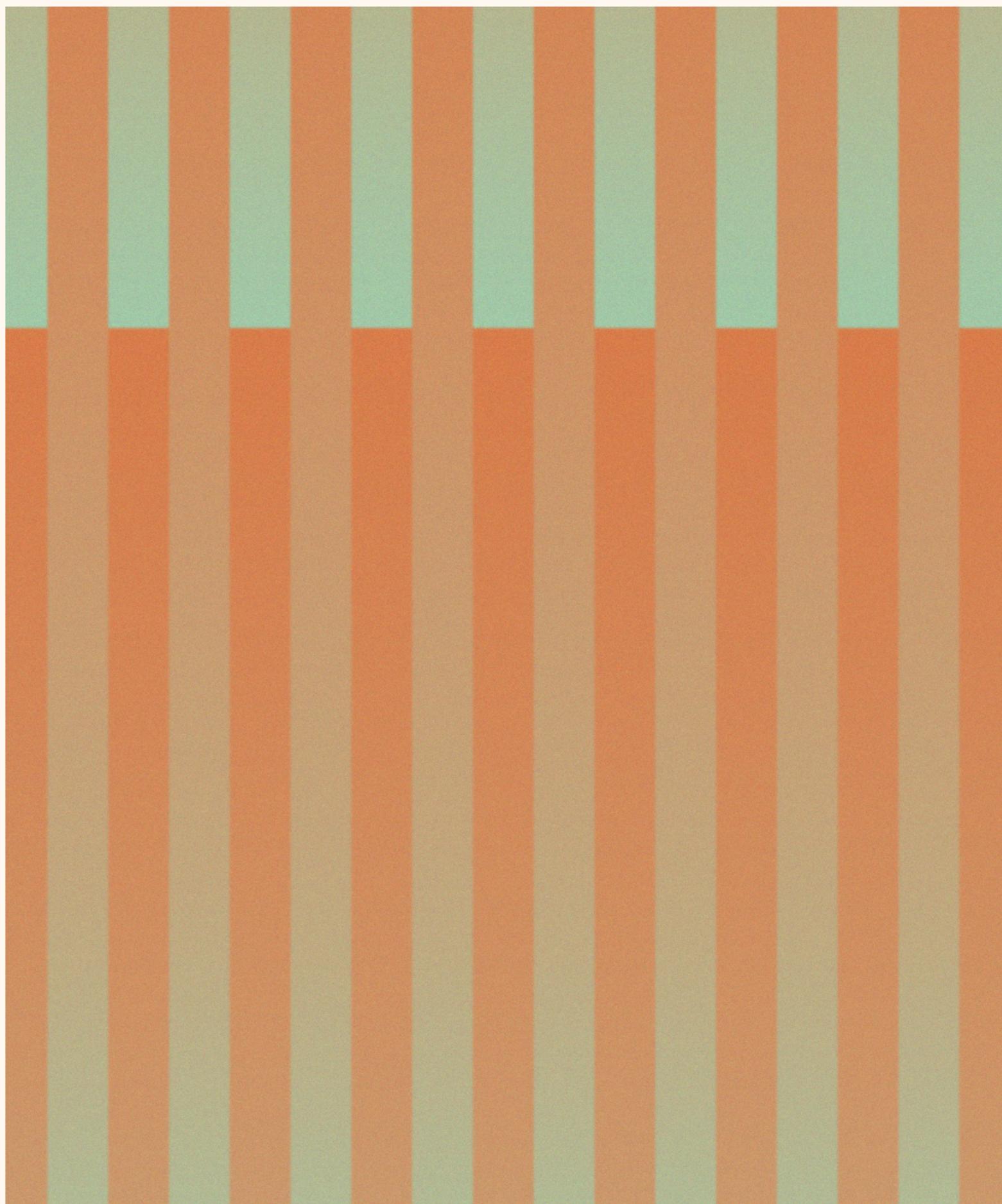


MEMÓRIAS DO CRISP

HISTÓRIA, TRAJETÓRIA E
DADOS DO LABORATÓRIO



BELO HORIZONTE
MARÇO 2025

outlab
UFMG

crisp
Centro de Estudos
de Criminalidade
e Segurança Pública UFMG

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)**

Memórias do CRISP [livro eletrônico] : história, trajetória e dados do laboratório / coordenação do laboratório Claudio Chaves Beato Filho ; coordenação da pesquisa Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro ; assistente de pesquisa Júlia Soares França. -- Belo Horizonte, MG : FUNDEP : Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública, 2025.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-985695-5-6

1. Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública 2. Criminalidade 3. Entrevistas 4. Justiça - Brasil 5. Memórias 6. Relatórios 7. Segurança pública I. Beato Filho, Claudio Chaves. II. Ribeiro, Ludmila Mendonça Lopes. III. França, Júlia Soares.

25-274519

CDD-363.109

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. SEGURANÇA PÚBLICA : PROBLEMAS SOCIAIS 363.109

ELIANE DE FREITAS LEITE - BIBLIOTECÁRIA - CRB 8/8415

CENTRO DE ESTUDOS DE CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA (CRISP)

COORDENAÇÃO DO LABORATÓRIO

Prof. Claudio Chaves Beato Filho

COORDENAÇÃO DA PESQUISA

Prof.(a) Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro

ASSISTENTE DE PESQUISA

Júlia Soares França

SUMÁRIO

IIINTRODUÇÃO	5
ENTREVISTAS	6
DADOS DOS MEMBROS ATUAIS	7
INFORMAÇÕES DOS PROJETOS	8
ESTATÍSTICAS DOS CANAIS DE COMUNICAÇÃO	9
A ORIGEM E A FUNDAÇÃO DO CRISP	10
MOTIVAÇÕES PARA A FUNDAÇÃO DO CRISP	19
DESAFIOS ENFRENTADOS AO LONGO DA TRAJETÓRIA DO CRISP	21
TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROJETOS FINANCIADOS	23
ANÁLISE DO BANCO DE DADOS “TRAJETÓRIA DO CRISP”	24
ANÁLISE DOS FINANCIADORES	27
ANÁLISE DA QUANTIDADE E DA DURAÇÃO DOS PROJETOS	33
MATRIZES DAS LINHAS DE PESQUISA	36
1. POLÍTICAS PÚBLICAS EM SEGURANÇA	36
2. ORGANIZAÇÕES POLICIAIS	39
3. ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DE BASES DE DADOS	43
4. JUSTIÇA CRIMINAL	46
5. FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS	48
A COMUNIDADE CRISP: PROFESSORES, PESQUISADORES E ESTUDANTES	49
DADOS GERAIS	50
DADOS DE DIVERSIDADE	52
DADOS DE CAPTAÇÃO DE MEMBROS	53
DADOS DE SATISFAÇÃO COM A CONDUÇÃO DAS ATIVIDADES	55
DADOS DE CONTRIBUIÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL	58
O CRISP NO CONTEXTO NACIONAL E INTERNACIONAL	62
O CRISP NOS CANAIS DE COMUNICAÇÃO	63
O CRISP NO MEIO ACADÊMICO	69
DESAFIOS E PERSPECTIVAS FUTURAS	75
SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA E EXPANSÃO	76
GESTÃO E INFRAESTRUTURA	77
DIVERSIFICAÇÃO E EXPANSÃO DAS LINHAS DE PESQUISA	78
FORMAÇÃO E CAPTAÇÃO DE TALENTOS	79
REGISTRO DA MEMÓRIA E GESTÃO DO CONHECIMENTO	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	84

INTRODUÇÃO

Ao longo da história do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP), inúmeros projetos de excelência foram realizados. Contudo, embora o laboratório seja desde sempre uma referência em análise de dados em seus trabalhos, acabou não constituindo uma base de dados duradoura e concreta das suas informações. Surgiu, assim, a necessidade de deixar registrada a história, a trajetória e os dados do CRISP, ressaltando sua contribuição acadêmica e institucional ao longo dos seus 28 anos de trabalho. O projeto interno “Memórias do CRISP” foi, então, realizado. Nele, os fundadores, os professores atuais, alguns ex-membros de referência e grandes financiadores foram entrevistados, com o objetivo de construir uma narrativa coerente sobre a jornada do laboratório. Ademais, dados dos membros atuais, informações de quase todos os projetos já realizados pelo laboratório e estatísticas dos canais de comunicação foram coletados, visando à construção de uma base de dados completa sobre os projetos realizados pelo CRISP desde a sua fundação até os dias atuais. A seguir, será descrito como ocorreu a coleta das informações, sendo que os dados e as análises serão apresentados posteriormente.

ENTREVISTAS

No início de novembro, foi montada uma lista com o nome e o contato de algumas pessoas que poderiam agregar na sugestão de novas estratégias e na construção de uma narrativa da trajetória do laboratório. As entrevistas aconteceram ao longo dos meses de novembro, dezembro e janeiro, sendo quase todas realizadas em meio on-line.

Os fundadores entrevistados foram: Renato Assunção e Claudio Beato. Foram feitas perguntas que buscavam entender como ocorreu a construção do Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública, qual foi a motivação para a fundação, quem participou desse processo e quais foram os desafios enfrentados.

Os professores atuais entrevistados foram: Valéria Oliveira, Ludmila Ribeiro, Frederico Marinho, Claudio Santiago, Bráulio Figueiredo, Andréa Silveira e Ana Paula Vasconcelos. Foram feitas perguntas que buscavam entender o que levou esses professores a entrarem no laboratório, como o CRISP influencia a vida acadêmica e profissional de cada um deles, as informações dos projetos já real-

izados por cada professor ao longo da sua trajetória no laboratório, sugestões de melhoria e qual a perspectiva deles para o Centro.

Os ex-membros entrevistados foram: Joana Vargas, Karina Marinho, Felipe Zilli, Mateus Rennó, Elenice Souza e Daniele Viana. Foram feitas perguntas que buscavam entender como foi a experiência de cada um no CRISP, de que forma ela influenciou suas vidas acadêmica e profissional, o que os levou a sair do laboratório, qual o diferencial do Centro e, para os que moram ou moraram fora do Brasil, como o CRISP é visto no cenário internacional.

Os financiadores entrevistados foram: Thaiza Soares (Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública) e Liz Leeds (Fundação Ford). Foram feitas perguntas que buscavam entender qual o diferencial do CRISP em relação a outras instituições, o que leva os financiadores a realizarem projetos junto ao laboratório e qual o nível de confiança e satisfação de cada um em relação ao CRISP.

DADOS DOS MEMBROS ATUAIS

Em paralelo às entrevistas, foi enviado um formulário para os membros atuais. Como não havia registro das informações em nenhum local de forma organizada e assertiva, o questionário teve suas respostas destinadas a uma base de dados no Excel.

Para a condução do formulário, além das informações pessoais coletadas, também houve perguntas que permitiam que cada um avaliasse a condução das atividades no CRISP, detalhando suas possíveis queixas e sugerindo melhorias. Para os membros atuais foram feitas perguntas como:

- Você considera a frequência das reuniões adequada para o bom andamento das atividades?
- Como você avalia o direcionamento dado às atividades de coleta de informações e análise de dados?
- Você tem sugestões para melhorar a condução das atividades no CRISP/UFMG?

A partir desse formulário, ainda que grande parte das respostas tenham sido positiva, muitas melhorias foram sugeridas, o que permitiu a construção de um documento com todas as ideias enviadas. Após a avaliação de cada uma

delas, foram montadas estratégias para que o laboratório aumentasse a satisfação dos membros e melhorasse a condução de suas atividades.

Os dados coletados por meio do questionário permitiram uma análise mais aprofundada sobre a experiência dos integrantes do CRISP. As respostas obtidas possibilitaram não apenas identificar pontos fortes da estrutura organizacional e das atividades desenvolvidas, mas também mapear desafios e oportunidades de melhoria. A partir das sugestões dos membros atuais, foram traçadas estratégias para otimizar a dinâmica de trabalho e o engajamento na rotina do laboratório.

INFORMAÇÕES DOS PROJETOS

Do início ao fim do projeto “Memórias do CRISP”, as informações dos projetos já realizados pelo laboratório foram coletadas. Apenas uma planilha com alguns projetos do CRISP estava disponível, e ela continha conteúdos corretos e incorretos. Foi, então, necessário construir a planilha de projetos do zero, integrando-a posteriormente à base de dados em construção.

Cada professor, ao entrar em diferentes plataformas de administração de projetos da UFMG — por exemplo Fundep, IPEAD, Carlos Chagas (CNPq) e Everest (Fapemig) —, consegue ter acesso a todos os projetos que já realizou ao longo da sua trajetória acadêmica na universidade. Dessa forma, como não havia nenhuma lista de projetos com total veracidade dos dados, o caminho mais fácil, ainda que complexo, foi pedir para que cada professor enviasse os projetos que já havia coordenado e suas respectivas informações. Os dados coletados de cada projeto foram: título, descrição, financiador, data de início, data de encerramento, valor, gerência, coordenador e integrantes.

Como resultado de toda a coleta, a maioria dos projetos já realizados pelo CRISP foi incluída na base de dados. Entretanto, é provável que alguns projetos não tenham sido coletados, pois suas informações estão armazenadas em plataformas e logins que não foram acessados ao longo do “Memórias do CRISP”. Mesmo assim, como a base de dados será constantemente alimentada nos próximos anos, a tendência é que essa lacuna seja reduzida ao longo do tempo.

ESTATÍSTICAS DOS CANAIS DE COMUNICAÇÃO

Ao final, foram coletadas estatísticas dos canais de comunicação do CRISP, por exemplo: acessos por plataforma, público mais atingido, temas mais visualizados e interações dos perfis. Todos esses indicadores, uma vez que são importantes para análise, também foram adicionados na base de dados.

Hoje em dia, o CRISP utiliza algumas plataformas para poder divulgar suas conquistas e seus trabalhos para a comunidade. Dentre esses canais, destacam-se o Instagram, o site e o podcast. No Instagram, as postagens mais frequentes divulgam acontecimentos importantes para o laboratório, como defesas de trabalhos de conclusão de curso, eventos e premiações. No site, há explicações sobre alguns projetos já realizados pelo CRISP, quais trabalhos o laboratório presta, quem é a equipe presente atualmente e alguns artigos, livros e teses. Em relação ao podcast, há o CRISP Entrevista, um podcast mensal sobre criminalidade, segurança pública sistema prisional e Justiça Criminal.

Todos esses canais de comunicação, ao mesmo tempo que permitem a divulgação de conhecimentos acadêmicos, também têm um enorme intuito de fortalecimento de marca. Isso porque, ainda que o CRISP não tenha fins lucrativos, é necessário que as pessoas e as instituições o conheçam, para que, assim, projetos e financiamentos possam acontecer e, como consequência, o laboratório se expanda cada vez mais.

Portanto, percebe-se que, além de ser importante coletar essas estatísticas, é igualmente relevante analisá-las. O objetivo, portanto, do estudo desses indicadores — a ser mais bem destrinchado posteriormente — consiste na criação de estratégias mais assertivas e mais bem direcionadas.

A ORIGEM

E FUNDAÇÃO

DO CRISP

O professor Claudio Beato e o seu parceiro acadêmico, também professor, Antônio Paixão realizavam diversos trabalhos e pesquisas juntos, mantendo uma parceria muito forte desde os anos 1980. Ainda nessa mesma década, o professor Paixão e o coronel Klinger Sobreira, ex-comandante da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG), começaram a se aproximar. Essa relação se fortaleceu e, aos poucos, ambos os lados perceberam que, para a polícia, o estudo da sociedade e das modernizações seria de extrema importância. Assim, os professores Claudio Beato e Antônio Paixão, e os coronéis Klinger Sobreira e Severo Augusto da Silva Neto começaram a conversar, e alguns temas importantes surgiram dessa troca de ideias. De um lado, num período de recomeço da democracia no Brasil, havia a crença de que não existe democracia sem uma polícia democrática. De outro, da perspectiva policial, acreditava-se que a polícia nos moldes do regime militar teria que se adaptar aos novos tempos.

Dessa confluência de ideias, começaram a surgir parcerias que foram marcantes na história da reforma das polícias no Brasil. Os primeiros desenvolvimentos ocorreram em 1987/88 e consistiam em treinamentos ministrados por professores e membros da polícia, realizados em centros de pesquisa, como a Fundação João Pinheiro ou a Universidade Federal de Minas Gerais, fugindo um pouco do ambiente diário dos policiais.

Um dos primeiros projetos ocorreu em 1999 com a Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG). Era um projeto de organização espacial das bases de dados de que eles dispunham: Criminalidade Violenta em Minas Gerais 1986–1997. Tratava-se de ver a distribuição dos crimes violentos nos municípios de Minas Gerais, incorporando uma perspectiva de geoprocessamento na organização dos dados.

Posteriormente, após o falecimento do professor Antonio Luiz Paixão e sob a coordenação de Claudio Beato, com a parceria do pesquisador Geraldo Majella Moreira Duarte, os cursos buscaram oferecer uma perspectiva mais acadêmica e em acordo com o que se fazia em outras partes do mundo à PMMG, que, até então, carecia dessa abordagem. Alguns exemplos de cursos são: Analista de Crime, Policiamento Comunitário, Especialização em Estudos de Criminalidade e Segurança Pública e Gestão em Segurança

Pública, Geoprocessamento e Análise Espacial de Crimes. Um dos cursos notáveis realizados, para a formação de Conselhos Comunitários de Belo Horizonte, teve lugar na Academia de Polícia Militar de MG, em que pela primeira vez tivemos líderes comunitários analisando mapas de crimes com oficiais responsáveis por cada uma das companhias da capital.

Paralelamente, o desenvolvimento de tecnologias como o mapeamento de crimes foi sendo introduzido na organização de dados da PMMG. Para tal, contou-se com a parceria de técnicos da Prefeitura de Belo Horizonte, que já faziam uso dessa inovação para a área de saúde. A base de dados da Prodel também foi fundamental para as análises realizadas. Contando com a expertise do avançado centro de análise espacial da UFMG (Laboratório de Estatística Espacial), sob a coordenação de Renato Assunção, pôde-se dar início ao desenvolvimento de diversas técnicas, estratégias e tecnologias de ponta nessa área.

Os treinamentos aconteceram ao longo das décadas de 1980, 1990 e 2000, e a polícia foi gradualmente impactada pelos conhecimentos adquiridos. O Coronel Severo, ao ser entrevistado, disse, com muita gratidão, que, ao longo dessa relação entre a PM e o “mundo acadêmico”, tanto questões objetivas quanto subjetivas da polícia mudaram. Era notável a diferença de pensamentos e atitudes dos policiais, uma vez que esses profissionais começaram a lidar de uma forma mais científica e social com as situações que presenciavam. Esses cursos terminaram por chamar a atenção de financiadores externos, como a Fundação Ford, que buscavam experiências inovadoras na segurança pública brasileira para apoiá-las. Posteriormente, a Fundação Hewlett também veio somar a esses esforços.

Além disso, não só treinamentos foram ministrados, mas, paralelamente, projetos concretos também foram realizados em conjunto. O Policia de Resultados foi um deles, no qual se montou um centro de análise criminal na PMMG, e que recorria à metodologia de Solução de Problemas para lidar com mapas e estatísticas de criminalidade para estabelecer metas para a solução de problemas nas Companhias. Para tal, vários policiais foram levados para assistir a uma das reuniões do CompStat em Nova Iorque e para estabelecer parcerias com o Vera Institute of Justice. Essa foi uma experiência

pioneira, pois raras vezes se logrou a participação de uma entidade acadêmica no planejamento operacional policial, sendo a Polícia de Resultados um exemplo desses momentos.

A parceria com o LESTE, com Renato Assunção, professor de Estatística da UFMG, auxiliou os projetos que eram realizados, principalmente os que envolviam dados com localização geográfica e técnicas de análise espacial. Após isso, Renato também ministrou cursos para os policiais na Faculdade de Ciências Humanas (Fafich) da UFMG. O professor, em sua entrevista, disse que o grande momento dessa parceria aconteceu na Polícia de Resultados, quando eles realizaram um projeto que envolvia análise espacial e estatística, o qual, posteriormente, faria a logística de alocação de forças.

Os professores envolvidos nesses projetos em vigor decidiram, em conjunto, formar o Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública. Claudio conta que o processo de decisão foi algo muito natural. Geraldo Majella, pesquisador na Fundação João Pinheiro, já falecido, e Antônio Paixão já trabalhavam com políticas públicas, um dos temas de referência do laboratório. Claudio Beato se destacava no estudo de criminalidade e violência, e Renato Assunção, para complementar, tinha o conhecimento técnico necessário para que houvesse, de fato, a fundação do CRISP. Assim sendo, as habilidades desses grandes professores se uniram e houve a fundação de um laboratório pioneiro na área de criminalidade e segurança pública.

Logo de início já foi acordado que o trabalho do Centro seria de pesquisa aplicada, e não de uma orientação acadêmica convencional, como comumente ocorria nas universidades. Os fundadores não queriam ver apenas teses e artigos sendo produzidos, mas sim uma mudança real na sociedade, uma vez que criminalidade e segurança pública são temas que afetam toda a sociedade e, mesmo assim, quase nenhuma instituição tinha essa orientação. Além disso, os professores queriam sair um pouco do propósito padrão da universidade: eles queriam formar tanto futuros profissionais para a academia quanto para o mercado de trabalho. Claudio, no livro *As Ciências Sociais e os pioneiros nos estudos sobre crime, violência e direitos humanos no Brasil*, relata que os fundadores procuraram estruturar um centro de pesquisas que atuaria em três linhas básicas: 1) estruturação e organi-

zação de bases de dados, reconhecidamente uma das maiores deficiências na criminologia brasileira; 2) formação e qualificação de gestores e pesquisadores em segurança pública; e 3) concepção, desenvolvimento e avaliação de políticas públicas sob um enfoque preventivo.

O CRISP, ao longo de toda a sua trajetória, permaneceu com a “orientação acordada” na sua fundação, realizando inúmeras pesquisas práticas, com temas como geoprocessamento, tecnologia e políticas públicas. Em 1998, por exemplo, houve o projeto Polícia de Resultados, em conjunto com a Polícia Militar de Minas Gerais, o qual se baseava em usar os dados das ocorrências policiais para realizar um mapeamento no estado. Hoje em dia, essa tecnologia é muito comum, mas, na época, dado que era uma inovação, abriu as portas para que o CRISP trabalhasse ainda mais com políticas públicas.

O tema da reforma das polícias era sempre onipresente nesses primórdios e envolvia, inclusive, a participação de uma rede mundial acerca do assunto, liderada por Chris Stone. Em Belo Horizonte, organizou-se um seminário sobre mapeamento de crimes com pesquisadores e polícias dos Estados Unidos, da França, da África do Sul, da Índia, da Rússia, da Inglaterra e da Argentina, dentre outros países.

Toda essa expertise levou o CRISP a ganhar uma licitação internacional para treinamento da Polícia Nacional da Colômbia, em 2003, para a utilização dos mapas como ferramentas gerenciais na polícia. Logo depois, o centro foi escolhido para fazer outro treinamento utilizando mapas para o desenvolvimento de projetos de prevenção com gestores das cidades de Bogotá, Cali e Medellín. No ano de 2004, houve dois treinamentos, em Bogotá, para a polícia da Colômbia, um para os analistas, e o outro para os gestores municipais. O primeiro curso foi nomeado “Capacitación para La Toma de Decisiones Operativas”. O treinamento para os gestores tinha o objetivo de capacitá-los no estudo do gerenciamento policial baseado na tecnologia de informação, acentuando os padrões de crime e as estruturas policiais latino-americanas. Já para os analistas, o objetivo foi capacitá-los em definição e compreensão dos elementos básicos para a análise de crimes, desde princípios e padrões centrais até as tendências mais recentes na área. O segundo curso tinha o objetivo de torná-los aptos ao gerenciamento municipal dos problemas de

segurança pública. Cabe destacar que ambos os cursos foram muito importantes para a imagem do CRISP, principalmente no cenário internacional, uma vez que obteve mais de 200 alunos e ótimos resultados. A repercussão nacional e internacional foi grande, com importantes matérias na imprensa nacional (O Globo, Veja, TV Globo, Folha de S. Paulo) e internacional (Newsweek, Frontline, BBC).

O laboratório foi se consolidando como uma referência em atividades de formação e qualificação, bem como em projetos, programas e políticas públicas. Um dos motivos essenciais que tornou possível esse crescimento foi o amparo financeiro dos financiadores, principalmente da Fundação Ford, mas também da Hewlett, da Tinker e da União Europeia. As rodadas de financiamento aconteceram no final dos anos 1990 e seguiram até o final dos anos 2000, dando certa liberdade financeira para o laboratório, com menos burocracia, o que facilitava os gastos com pesquisas e a introdução de inovações que não estavam previstas no início do projeto. O Fica Vivo! e o IG-ESP, que discutiremos mais adiante, foram alguns desses projetos.

O CRISP continuou a inovar, introduzindo seus membros a diferentes temas e conhecimentos, tornando-se um laboratório com uma formação muito mais generalista do que o comum. A exemplo disso, nos anos 2000, diferentemente de hoje em dia, havia poucos profissionais com conhecimento em análise de dados e estudos quantitativos. Porém, o CRISP, devido às suas fortes parcerias interdisciplinares da época, formou muito bem os seus pesquisadores em métodos quantitativos, sendo um forte diferencial de formação para os membros. Hoje, os pesquisadores de doutorado e mestrado se encontram inseridos em diversas instituições brasileiras e em universidades internacionais.

Em 2002, o laboratório construiu um planejamento estratégico para os próximos anos. Os professores da época se reuniram para refletir sobre quais ações seriam essenciais para garantir a sobrevivência do CRISP e possibilitar sua expansão. Os membros utilizaram alguns métodos para a construção de estratégias, dentre elas a Matriz SWOT, a qual ajuda a identificar os pontos fortes, os pontos fracos, as oportunidades e as ameaças da instituição. Perceberam a importância de priorizar a presença de professores da UFMG no

corpo do laboratório, o que asseguraria uma maior sustentabilidade. Além disso, foi decidido que internacionalizar o CRISP seria essencial para o fortalecimento do laboratório e, conseqüentemente, para a sua expansão.

Por fim, por volta de 2010, a relação CRISP-PMMG reduziu significativamente. Mudanças na orientação política da organização levaram a esse afastamento. Muitos comandantes do período de proximidade, como o Coronel Severo, se referem de forma muito positiva a essa parceria.

Com o passar de todos esses anos, o laboratório se expandiu progressivamente, permitindo que seus membros vivenciassem experiências únicas. Os pesquisadores tiveram a oportunidade de viajar para o exterior a trabalho, participaram de pesquisas pioneiras em diferentes temas e realizaram projetos que até hoje são utilizados tanto pelo governo quanto por empresas.

A partir do ano de 2001, após o atentado às torres gêmeas, os Estados Unidos passaram por diversas mudanças em suas políticas de apoio às entidades filantrópicas, especialmente dadas as suas preocupações com as transferências internacionais. Por conseguinte, os financiamentos internacionais foram escasseando. Mas o CRISP já era capaz de sobreviver sozinho, contribuindo para que, por volta de 2010, o laboratório já praticamente não recebesse mais financiamentos internacionais. Esse fato levou a coordenação do laboratório a se esforçar intensamente em atividades de fundraising. Felizmente, o laboratório conseguiu manter toda a sua estrutura funcionando, sem que ela, em nenhum momento, decaísse. Todavia, até os dias de hoje, obter financiamento é um desafio, especialmente aqueles que não sejam de fonte acadêmica.

Por volta de 2012, diversos pesquisadores que já estavam há anos no CRISP saíram, como são os casos de Luís Felipe Zilli e Karina Rabelo. Paralelamente, Braulio Figueiredo e Frederico Marinho, membros que entraram logo na fundação (por volta de 1998) se tornaram professores do laboratório. Esse processo foi extremamente relevante em um momento de corte de financiamentos internacionais, pois diminuiu o número de pesquisadores e aumentou o de professores, o que minimizou a dependência de recursos externos. Isso porque, assim como acordado no planejamento estratégico de 2002, quando um corpo de um laboratório é formado por mais professores

do que bolsistas não professores, os seus membros estão mais protegidos financeiramente. Ainda por cima, esse processo de institucionalização de professores, explicita a qualidade da preparação para o mundo acadêmico que o CRISP propõe. A exemplo disso, em 2017, Valéria Oliveira, que iniciou como pesquisadora em 2006, também se tornou professora do laboratório.

No que tange aos projetos, de 2010 até 2018, não houve mais um protagonismo do financiamento do governo municipal e do estadual, mas sim do governo federal. Isso ocorre especialmente durante a vigência dos projetos com o tema de segurança dentro do Ministério da Justiça, especificamente no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Essa época permitiu projetos como: “Percepção social sobre o Sistema Prisional Brasileiro”, “Qualidade de vida, sofrimento psíquico e vitimização do trabalhador nas Instituições de Segurança Pública” e “Fortalecimento da monitoração e fiscalização do sistema prisional e socioeducativo: Implementação da Monitoração Eletrônica no Brasil”.

Entre os anos de 2019 e 2022, o Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) contou com financiamentos do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), em parceria com o governo federal, como no projeto OSEP – Observatórios de Segurança Pública, que visava aprimorar a produção e a análise de dados sobre criminalidade no Brasil. Além disso, o CRISP manteve colaborações estratégicas com institutos da sociedade civil, como o Instituto Igarapé, o Instituto Sou da Paz e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, fortalecendo o diálogo entre academia e organizações dedicadas à formulação de políticas públicas. O centro também recebeu apoio de agências de fomento à pesquisa, como a Capes e o CNPq, garantindo a continuidade e o aprofundamento de suas investigações sobre segurança pública e Justiça Criminal no País.

No início de 2020, começou a pandemia de Covid-19 no Brasil. Foi um período em que os governos federais, estaduais e municipais tomaram medidas para minimizar o impacto da doença na sociedade. Dentre essas medidas, houve a suspensão das aulas e de atividades presenciais na UFMG, seguindo recomendações sanitárias. Alunos e professores só retornaram à universidade, presencialmente no final de 2021. Os dois anos de pandemia

foram um momento de grande expansão e fortalecimento de pautas para o CRISP, diferentemente do que ocorreu com várias outras instituições. O laboratório realizou parcerias com diversos órgãos, intensificou relacionamentos antigos e fez projetos com diferentes entidades.

A pandemia foi um momento muito importante para que o CRISP conseguisse diversificar a sua carteira de clientes, uma vez que, ao longo de grande parte de sua trajetória, o laboratório obteve uma base de financiadores fiel, porém limitada. Como o trabalho do centro não necessita tanto da atividade presencial — ainda que esse formato auxilie e seja importante —, a mudança para o on-line não afetou tanto a capacidade do CRISP de realizar projetos. A pandemia e o Covid-19 até mesmo se tornaram fortes pautas para pesquisas dentro do laboratório, sendo realizados projetos como “Mapping the Second Order Impacts of Covid-19 in Latin America” e “O que a Guarda Civil Municipal de Belo Horizonte pensa sobre a COVID-19?”. Além disso, foi um período em que os professores puderam aprimorar sua capacidade de escrever projetos vendáveis, fazendo com que, nos dias de hoje, essa prática seja algo muito mais comum.

Em 2024, a coordenadora Ludmila Ribeiro inseriu o CRISP em um programa de extensão da UFMG, o Outlab. O objetivo desse programa é proporcionar um fortalecimento da conexão dos laboratórios da universidade com os setores economicamente estratégicos. Durante oito semanas, treze laboratórios, incluindo o CRISP, receberam treinamentos sobre temas que auxiliariam a aceleração e a capacitação de cada um. Foram abordados temas como: legislação e política de inovação, modelagem de negócios, design de serviços, interação e contexto mercadológico, precificação de projetos e elaboração de contratos, marketing e estratégia de comunicação, e captação de recursos fontes públicas e privadas.

A bolsista Júlia França foi destinada ao CRISP com o intuito de auxiliar o laboratório a cumprir o que foi proposto pelo programa. Desse modo, ao longo das aulas e dos treinamentos, o grupo, formado por cinco membros do CRISP e uma bolsista, conseguiu não só refletir sobre lacunas que existem no laboratório, mas também sobre a qualidade do seu modelo de negócios. Acerca das lacunas, foi percebida a falta de uma base de dados concreta, fato

que leva ao projeto “Memórias do CRISP”. Acerca do modelo de negócios, foi possível analisar quais são as atividades-chave, os parceiros, a proposta de valor e os segmentos de clientes do laboratório.

Ao final do programa, após diversos aprendizados e o desenvolvimento de uma visão mais aberta, houve a entrega de um Roadmap. A metodologia permitiu que os membros envolvidos no projeto pensassem em como o laboratório, em diversos aspectos, estava no ano de 2024 e como eles o queriam em 2028. Com isso, elaborava-se, novamente, após muitos anos, algo semelhante a um novo planejamento estratégico para o laboratório.

Agora, em 2025, o CRISP continua expandindo e inovando de maneira contínua. Sua formação acadêmica e seus projetos de excelência são referências para diversas instituições e profissionais da área. A proposta de valor do laboratório ainda é a elaboração de diagnósticos (análise de dados primários e produção de informações), uso de metodologias de solução de problemas de segurança pública e formação profissional. São soluções personalizadas que proporcionam redução de crimes e inseguranças, melhora de processos e promoção da articulação entre instituições. Desde a fundação do CRISP, continua sendo visível o compromisso constante do laboratório com a sociedade, buscando ampliar seu impacto e transformar a realidade da criminalidade e da segurança pública no País.

MOTIVAÇÕES PARA A FUNDAÇÃO DO CRISP

Nas entrevistas com os fundadores do CRISP, algumas motivações para a criação do laboratório foram citadas. Dentre elas:

A vontade de mudança do cenário individualista da academia. Isso porque o “intelectual solitário” era mais comum do que hoje, visto que inúmeras pessoas realizavam suas pesquisas completamente sozinhas. Dessa maneira, querendo mudar esse cenário, o CRISP, desde o seu início, teve o trabalho em equipe como uma de suas características fortes. Grande parte dos grupos de pesquisa do laboratório são formados por muitas pessoas, e a comunicação e a interação entre os membros é essencial

para que as pesquisas tenham um bom andamento. A inspiração para esse tipo de estratégia veio de projeto anterior feito para investigar como funcionavam os laboratórios de pesquisa na Física e na Química;

Promoção do aprendizado interdisciplinar entre os estudantes, motivação que leva o CRISP a ter um funcionamento de laboratório de pesquisa e a não estar na estrutura formal da faculdade. Os membros do CRISP são agentes, circulam muito entre as pesquisas, aprendem sobre diferentes temas, participam ativamente dos projetos e vivenciam várias linhas de pesquisa. Muitas vezes, o Centro sair do convencional de um grupo de pesquisa permite que o trabalho, por consequência, também fuja da monotonia frequentemente encontrada;

A vontade de colaborar com a polícia. Ainda que muitas pessoas fossem contra essa linha, esse interesse foi como um pontapé inicial. Claudio e Paixão sempre souberam que tratar a polícia como um “inimigo” nunca seria o caminho. Independentemente de divergências de ideias ou polarizações, ambos os professores compartilhavam a crença no poder transformador do ensino e trabalharam para que tudo isso acontecesse;

Houve um período de visitas a organizações nos EUA que trabalhavam com organizações policiais como PERF (Police Executive Research Forum), e a Police Foundation, bem como o Vera Institute of Justice, que forneceu um benchmark para o desenvolvimento de projetos e ações desenvolvidos posteriormente;

Os financiamentos internacionais — tais como os da Fundação Ford — permitiram que a vontade de criar um centro de estudos fosse, de fato, operacionalizada. Houve também a parceria com a Hewlett Foundation e a Tinker, bem como financiamentos da União Europeia; e

A criminalidade e a segurança pública são aspectos que influenciam a vida de toda a sociedade. Sendo assim, houve também motivações pessoais para a fundação do CRISP, visto que todos os envolvidos tinham um enorme anseio por verem a situação do Brasil mudando.

DE DESAFIOS ENFRENTADOS AO LONGO DA TRAJETÓRIA DO CRISP

Nas entrevistas com os fundadores do CRISP, alguns desafios enfrentados ao longo da trajetória do laboratório foram citados. Dentre eles:

A burocracia dentro da universidade foi se tornando um problema ao passar dos anos. No início, havia muitas parcerias interdisciplinares — por exemplo, com Renato Assunção, professor de Estatística da UFMG e um dos fundadores do CRISP. Contudo, até mesmo os próprios professores da universidade, em resposta às induções de agências de fomento como a Capes e o CNPq, se tornaram mais presos a determinações burocráticas, dificultando fortemente as parcerias do laboratório com outros campos de estudo e departamentos;

A falta de financiamento ao longo dos anos, especialmente na área de Ciências Sociais, em que a captação de recursos é difícil, prejudicou a condição das bolsas de estudos dos membros. Então, inevitavelmente, isso se tornou um fator que dificultava a captação de mentes “brilhantes”, as quais poderiam transformar o laboratório e realizar grandes contribuições;

O CRISP parou de receber financiamento internacional a partir de certa época, ficando muito dependente de fundações de pesquisas. Assim, o fato de ter que gastar os valores do projeto exclusivamente com objetivos específicos impossibilitou a construção de um caixa e

a utilização dos valores com outras demandas e com o desenvolvimento de inovações;

A endogenia da universidade — que, muitas vezes, não visa formar pessoas para o mercado, e, sim, para permanecerem na academia — dificultou a condução das atividades no CRISP, uma vez que o laboratório visa formar pessoas para exercerem funções nas áreas públicas, no mercado privado e no terceiro setor;

A falta de uma formação humanista e menos acadêmica do mundo atual inseriu os alunos em um cenário cada vez mais superprodutivista, fazendo com que os membros mais novos dos laboratórios não focassem em se aprofundar em um assunto, mas sim em vários, de forma rasa, a fim de multiplicar o número de publicações quantitativamente;

Embora o número tenha aumentado significativamente no Brasil, ainda são poucas as pessoas formadas na área de criminologia, o que gerou uma lacuna de conhecimento e falta de discussões sobre o fenômeno do crime. Esse mercado tem crescentemente se estruturado em torno de policiais e profissionais da área de Justiça Criminal; Emergiram diversas organizações públicas e privadas com funções similares ao CRISP, porém com recursos financeiros mais estáveis e robustos, o que tem levado à necessidade de se buscar novas fontes; e

O laboratório não construiu uma base de dados em que os membros pudessem deixar seus registros e suas contribuições. Desse modo, muitas informações foram perdidas, já que quase todos os membros saem carregando suas “memórias do CRISP” consigo.

**TRAJETÓRIA
ACADÊMICA**

**E PROJETOS
FINANCIADOS**

Ao longo de todo o projeto “Memórias do CRISP”, foram levantados os dados dos projetos já realizados pelo laboratório. Os professores passaram as informações dos trabalhos que já haviam coordenado pelo CRISP, buscando dados no Lattes e nas plataformas de administração de projetos da UFMG. Como alguns professores não enviaram seus registros e alguns deles podem não ter acessado todas as plataformas, é provável que diversos projetos não tenham tido suas informações coletadas.

A partir dos dados, a base de dados “Trajetória do CRISP” foi estabelecida. Todos os projetos encontrados estão em uma aba contendo as seguintes informações: título, descrição, financiador, data de início, data de encerramento, valor, gerência, coordenador e integrantes. Alguns dados dos projetos não foram encontrados e estão faltando na planilha. Em relação ao financiador, é importante ressaltar que, no momento, 18% dos projetos estão sem essa informação. Isso aconteceu principalmente porque algumas plataformas não disponibilizaram esse dado e, em outros casos, os professores não os forneceram. Já quanto aos integrantes, a maioria dos projetos foram retirados da plataforma da Fundep, mas o site não contém o nome dos integrantes daquele projeto. A solução adotada foi buscar cada um dos projetos no Lattes do seu respectivo coordenador. Porém, devido à falta de clareza nas nomenclaturas na Fundep, muitos projetos não foram encontrados no Lattes, resultando na ausência dos nomes dos integrantes. Todas as outras informações contidas na planilha estão completas.

Vale ressaltar que a criação dessa base de dados é extremamente importante para o laboratório. Com todos os projetos anotados, é possível divulgar melhor os resultados do CRISP, visto que agora, por exemplo, há dados sobre quantidade de projetos executados e faturamento conquistado. Ademais, com um banco de dados eficiente, acessar as informações se torna um trabalho muito mais rápido, o que facilita a realização de análises.

ANÁLISE DO BANCO DE DADOS “TRAJETÓRIA DO CRISP”

Cabe frisar que todas as análises que serão feitas a seguir são baseadas apenas nos dados que foram coletados junto às instituições que se encarregam

Considerando apenas os títulos dos projetos, é possível verificar que algumas informações se destacam, como o componente de segurança pública, a formação de novos especialistas (pela palavra curso) e, ainda, a forte atuação na cidade de Belo Horizonte.

Em parte, essas palavras-chave se destacam porque o CRISP oferece diversos cursos de especialização e atualização, como o Curso de Especialização em Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (disponível desde 2008, com novas turmas previstas para 2023 e 2024), o Curso de Atualização em Análise de Crimes e o Curso de Capacitação em Analista de Crimes. Esses cursos visam capacitar profissionais da área, com foco na análise criminal, em vitimização, em policiamento comunitário e noutros temas relacionados à segurança pública.

O CRISP também se dedica à pesquisa sobre criminalidade e políticas públicas, com projetos que incluem a elaboração, o acompanhamento e a avaliação de políticas públicas voltadas à criminalidade e à segurança pública no Brasil. Além disso, são realizadas pesquisas sobre corrupção policial e gangues em Belo Horizonte, bem como diagnósticos sobre a percepção de medo da população em Minas Gerais. A instituição também desenvolve um levantamento sobre a vitimização em diferentes municípios da região metropolitana de Belo Horizonte e realiza estudos sobre acidentes de trânsito na cidade, com o objetivo de propor intervenções para melhorar a segurança viária.

Outra área de atuação importante do CRISP é a implementação de ferramentas para o monitoramento e a análise de crimes, como o projeto Infoseg, que busca melhorar a coleta e a integração de dados nacionais relacionados à segurança pública. A instituição também trabalha no desenvolvimento de indicadores de vulnerabilidade juvenil em diversas regiões de Minas Gerais. Além disso, o CRISP tem se dedicado à criação de observatórios de segurança pública e análise criminal, com estudos sobre o sistema prisional brasileiro e sobre aquele em Minas Gerais, analisando as condições de custódia e a eficácia das políticas públicas de execução penal.

O CRISP também está envolvido em projetos de monitoramento do sistema prisional e socioeducativo, com foco na implementação da monitoração eletrônica no Brasil e na avaliação das medidas aplicadas aos jovens infra-

tores. Esses projetos têm o intuito de melhorar as condições de custódia e reintegração social de detentos, bem como avaliar a efetividade das medidas socioeducativas. Além disso, a instituição realiza pesquisas sobre políticas de segurança pública e gestão, como a avaliação da implementação de políticas de segurança pública nos municípios de Minas Gerais, com ênfase na integração das estratégias de segurança em áreas metropolitanas, e o desenvolvimento de um plano municipal de segurança para enfrentar as questões criminais locais em Itabira.

Ainda, o Centro se dedica a estudos sobre violência doméstica e direitos da infância e da juventude, com pesquisas sobre a relação entre alienação parental e violência doméstica, e diagnósticos sobre os direitos de crianças e adolescentes em Belo Horizonte, incluindo medidas de proteção e atendimento socioeducativo. Além disso, o CRISP participa de projetos internacionais, como o estudo Mapping the Second Order Impacts of Covid-19 in Latin America, que analisa os impactos indiretos da pandemia de Covid-19 em países da América Latina, com foco na segurança pública e na criminalidade.

Esses projetos não só contribuem para o conhecimento e a formulação de políticas públicas no Brasil, como também oferecem um espaço de formação contínua para aqueles envolvidos na segurança pública. O CRISP busca gerar um impacto real na redução da violência e na melhoria das condições de segurança pública, ao mesmo tempo que capacita profissionais e cria soluções inovadoras para desafios complexos enfrentados pelas instituições públicas de segurança. Para entender um pouco melhor essa trajetória, a seguir serão apresentadas as análises do banco de dados “Trajetória do CRISP”, separadas em dois tópicos: análise dos financiadores e análise da quantidade e da duração de projetos.

ANÁLISE DOS FINANCIADORES:

O primeiro passo deste estudo foi criar uma lista com todos os financiadores que participaram de pelo menos um projeto. Abaixo temos uma tabela com todos os financiadores e seus respectivos dados.

Tabela 1 – Lista de financiadores do CRISP: Número de projetos, valores totais e ticket médio

**MEMÓRIAS CRISP:
HISTÓRIA, TRAJETÓRIA E DADOS DO LABORATÓRIO**

FINANCIADOR	Nº DE FINANCIAMENTOS	VALOR TOTAL	R\$/PROJETO
Fapemig (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais)	23	R\$ 2.506.782,10	R\$ 108.990,53
Secretaria de Estado da Defesa Social de Minas Gerais	17	R\$ 7.711.627,50	R\$ 453.625,15
CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)	7	R\$ 1.093.900,00	R\$ 156.271,43
Fundação Ford	5	R\$ 2.642.450,00	R\$ 528.490,00
Ministério da Justiça	5	R\$ 626.589,00	R\$ 125.317,80
Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD)	5	R\$ 5.068.204,00	R\$ 1.013.640,80
Pagamento de mensalidade (cursos)	3	R\$ 812.177,40	R\$ 270.725,80
UFMG	3	R\$ -	R\$ -
Association of American Geographers	2	R\$ 110.519,40	R\$ 55.259,69
British Academy	2	R\$ 48.850,00	R\$ 24.425,00
Fórum Brasileiro de Segurança Pública	2	R\$ 38.270,30	R\$ 19.135,14
Hewlett	2	R\$ 1.350.000,00	R\$ 675.000,00
Organização Mundial de Combate à Tortura	2	R\$ 69.000,00	R\$ 34.500,00

**MEMÓRIAS CRISP:
HISTÓRIA, TRAJETÓRIA E DADOS DO LABORATÓRIO**

FINANCIADOR	Nº DE FINANCIAMENTOS	VALOR TOTAL	R\$/PROJETO
Prefeitura Municipal de Belo Horizonte	2	R\$ 800.000,00	R\$ 400.000,00
Woodrow Wilson	2	R\$ 567.347,80	R\$ 283.673,90
BHTRANS	1	R\$ 424.660,00	R\$ 424.660,00
Finep (Financiadora de Estudos e Projetos)	1	R\$ 260.962,00	R\$ 260.962,00
Info Globo Comunicações	1	R\$ 28.000,00	R\$ 28.000,00
Instituto de Defesa do Direito de Defesa	1	R\$ 10.000,00	R\$ 10.000,00
Instituto Igarapé	1	R\$ 25.000,00	R\$ 25.000,00
Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social	1	R\$ 117.520,00	R\$ 117.520,00
Instituto Sou da Paz	1	R\$ 10.000,00	R\$ 10.000,00
Ministério Público do Estado de Minas Gerais	1	R\$ 364.000,00	R\$ 364.000,00
Ouidoria da Polícia de MG	1	R\$ 70.466,30	R\$ 70.466,25
PMMG	1	R\$ 228.120,00	R\$ 228.120,00
Prefeitura Municipal de Contagem	1	R\$ 237.000,00	R\$ 237.000,00
Prefeitura Municipal de Itabira	1	R\$ 76.468,10	R\$ 76.468,08
Prefeitura Municipal de Santa Bárbara	1	R\$ 298.000,00	R\$ 298.000,00

**MEMÓRIAS CRISP:
HISTÓRIA, TRAJETÓRIA E DADOS DO LABORATÓRIO**

FINANCIADOR	Nº DE FINANCIAMENTOS	VALOR TOTAL	R\$/PROJETO
Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais	1	R\$ 237.756,20	R\$ 237.756,20
Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos	1	R\$ 79.144,00	R\$ 79.144,00
Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul	1	R\$ 51.900,00	R\$ 51.900,00
Secretaria de Segurança do Mato Grosso /Sebrae	1	R\$ 9.150,00	R\$ 9.150,00
Secretaria Estadual de Segurança Pública	1	R\$ 922.052,80	R\$ 922.052,80
Secretaria Municipal de Assistência Social de Belo Horizonte	1	R\$ 45.595,00	R\$ 45.595,00
Secretaria Nacional de Segurança Pública	1	R\$ 263.919,20	R\$ 263.919,24
Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça	1	R\$ 211.803,70	R\$ 211.803,68
SEEJ-MG	1	R\$ 48.300,00	R\$ 48.300,00
Tinker Foundation	1	R\$ 216.600,00	R\$ 216.600,00
União Europeia	1	R\$ 275.523,80	R\$ 275.523,82
Total	106	R\$ 27.957.658,50	R\$ 263.751,50

Ao longo de seus 25 anos de história, o CRISP captou um total de R\$ 27.957.658,50, distribuídos em 106 financiamentos, com um valor médio de R\$ 263.751,50 por projeto. Os principais financiadores foram a Secretaria

de Estado da Defesa Social de Minas Gerais, que repassou R\$ 7.711.627,50 em 17 projetos (R\$ 453.625,15 por projeto), seguido pelo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) que destinou R\$ 5.068.204,00 em cinco projetos, cujo valor médio foi de R\$ 1.013.640,80. Há destaque também pela Fundação Ford, com R\$ 2.642.450,00 em 5 projetos (R\$ 528.490,00 por projeto) e pela Fapemig, com R\$ 2.506.782,10 em 23 projetos (R\$ 108.990,53 por projeto).

Por outro lado, alguns financiadores contribuíram com valores significativamente menores. Entre eles, a Secretaria de Segurança do Mato Grosso/Sebrae, com R\$ 9.150,00, o Instituto de Defesa do Direito de Defesa e o Instituto Sou da Paz, ambos com R\$ 10.000,00, e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que destinou R\$ 38.270,30 em dois projetos (R\$ 19.135,14 por projeto). A British Academy também teve um financiamento relativamente modesto, totalizando R\$ 48.850,00 em dois projetos (R\$ 24.425,00 por projeto). Esses dados evidenciam que, embora o CRISP tenha contado com uma diversidade de fontes de financiamento, a maior parte dos recursos veio de órgãos públicos e de organizações internacionais, consolidando sua atuação em pesquisas financiadas majoritariamente por instituições estatais e entidades do terceiro setor.

Ao examinar a tabela anterior, também é notório que, dentre os dados coletados, o Ministério da Justiça foi o órgão público que mais contribuiu financeiramente para o CRISP, além de apresentar o maior valor médio por projeto. Esse órgão federal é responsável por coordenar políticas nacionais de segurança pública, justiça e direitos humano. A principal motivação para essa liderança nos dois quesitos financeiros, dado que houve apenas cinco projetos, foi o financiamento da Pesquisa de Vitimização Nacional. Tal projeto obteve um financiamento de R\$ 8.150.112,62 em 2014, o qual equivale a 92,8% do financiamento total que está na tabela. O Ministério da Justiça, embora não tenha realizado um número tão significativo de projetos com o CRISP, foi um financiador muito relevante, mantendo-se muito próximo do laboratório desde o início dos anos 2000 até o ano de 2018.

Em relação à quantidade de projetos realizados com o CRISP, a liderança é da Secretaria de Estado da Defesa Social de Minas Gerais (SEDS-MG). A

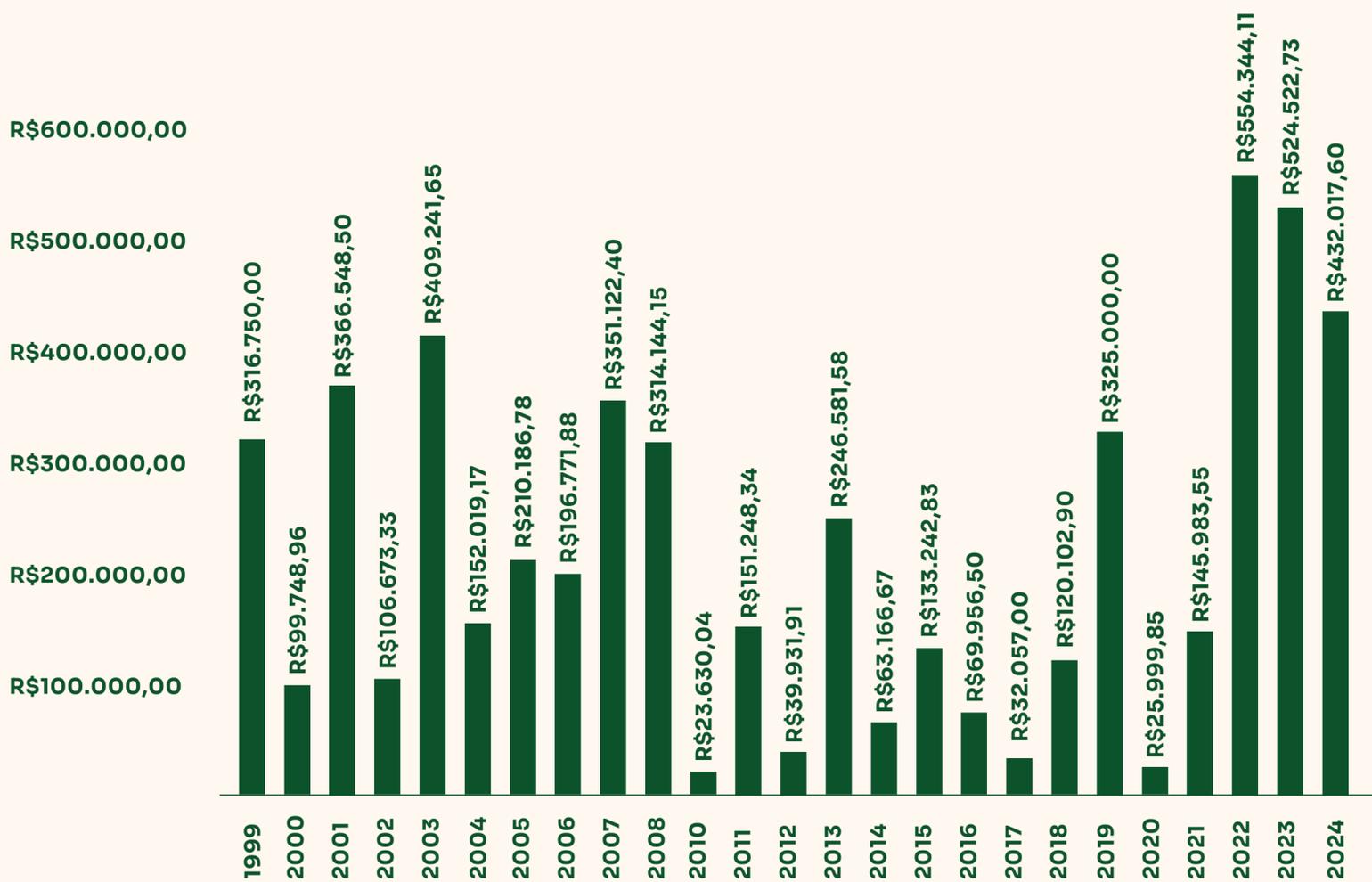
Secretaria é um órgão do governo estadual e, atualmente, recebe o nome de Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública de Minas Gerais (Sejusp). Esse órgão realiza projetos em conjunto com o CRISP há mais de vinte anos, passando por temas extremamente diversos. Dentre eles: metodologias de gestão em segurança pública; curso de analista de crimes; pesquisa de vitimização; prevenção da violência nas escolas públicas; entre outros.

Contudo, ao analisar o ticket médio por projeto da SEDS-MG, o valor não é tão significativo em relação a outros financiadores. Isso ocorre porque a grande maioria dos projetos já realizados com a Secretaria são muito antigos e, portanto, devido à inflação, os valores são automaticamente mais baixos que os atuais. Ao inflacionar o valor de todos os projetos e realizar essa análise novamente, é possível perceber que o ticket médio fica em R\$ 1.069.811,00 por projeto. Através dessa mesma interpretação, o valor se aproxima muito mais do ticket médio da Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o qual inflaciona muito menos e passa a ser R\$ 1.205.433,00.

Para entender melhor a relação entre captação e amadurecimento institucional, foi criado o Gráfico 1, o qual indica que, em seus primeiros anos, entre 1999 e 2005, os valores médios dos projetos do CRISP oscilaram entre aproximadamente R\$ 99 mil e R\$ 409 mil, com picos em anos como 2003 e 2008, quando o valor médio dos projetos ultrapassou R\$ 300 mil. Entre 2010 e 2020, observa-se um período de maior estabilidade, com financiamentos médios variando entre R\$ 23 mil e R\$ 246 mil, embora tenha havido anos de captação reduzida, como 2010 e 2012, nos quais os valores médios ficaram abaixo de R\$ 50 mil.

A partir de 2022, observa-se um crescimento expressivo nos valores captados, atingindo um recorde em 2022, com um total superior a R\$ 6,65 milhões e um valor médio de projeto de R\$ 554 mil. Em 2023, a captação também se manteve elevada, com um total de R\$ 4,72 milhões e um valor médio de R\$ 524 mil. Em 2024, a média dos projetos financiados permaneceu alta, em torno de R\$ 432 mil, sugerindo que o CRISP consolidou sua capacidade de captar recursos mais substanciais recentemente. Esse aumento pode estar relacionado a um maior reconhecimento da relevância do Centro, à ampliação de suas parcerias e à diversificação das fontes de financiamento.

Gráfico 1: Valor médio dos projetos do CRISP (em Reais)

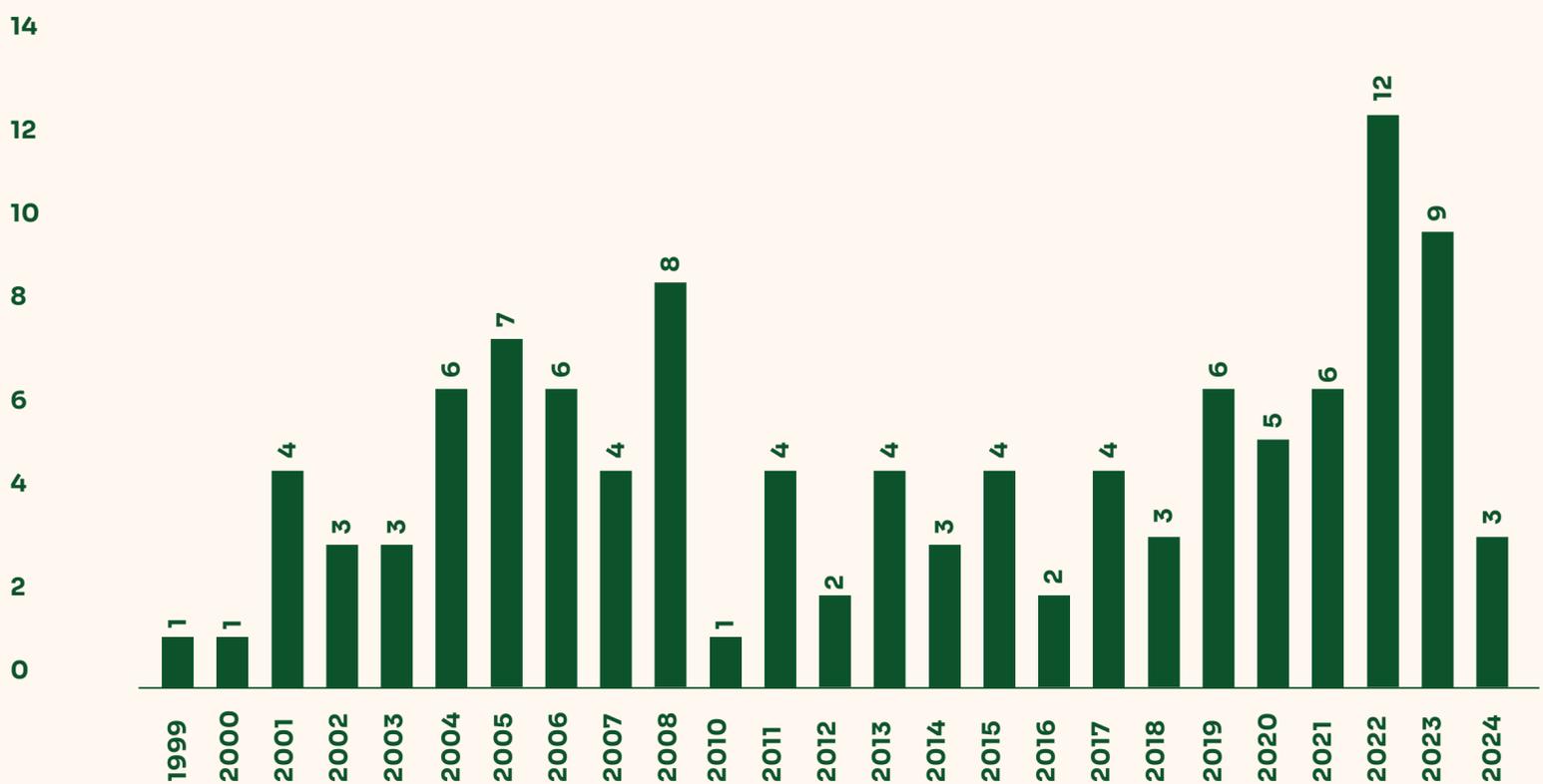


Portanto, os dados apresentados nesta seção indicam que o CRISP tem conseguido diversificar suas fontes de financiamento, equilibrando parcerias institucionais de longo prazo com aportes estratégicos de organizações internacionais e fundações privadas, garantindo a sustentabilidade e a expansão de suas pesquisas ao longo dos anos.

ANÁLISE DA QUANTIDADE E DA DURAÇÃO DOS PROJETOS:

A análise da quantidade de projetos captados pelo CRISP ao longo dos anos revela uma variação significativa, com períodos de maior e menor atividade. Nos primeiros anos (1999–2003), a captação foi modesta, com uma média de aproximadamente três projetos por ano. A partir de 2004, houve um crescimento gradual, alcançando um pico inicial em 2008, com oito projetos. Após uma leve oscilação nos anos seguintes, 2022 se destacou como o ano de maior captação, com doze projetos, seguido por 2023, com nove. Esse aumento recente pode indicar um fortalecimento institucional do CRISP e uma ampliação de sua capacidade de obter financiamentos. Em contrapartida, houve anos de baixa captação, como 2010 e 2019, nos quais apenas um projeto foi financiado.

Gráfico 2: Evolução anual do número de projetos iniciados pelo CRISP

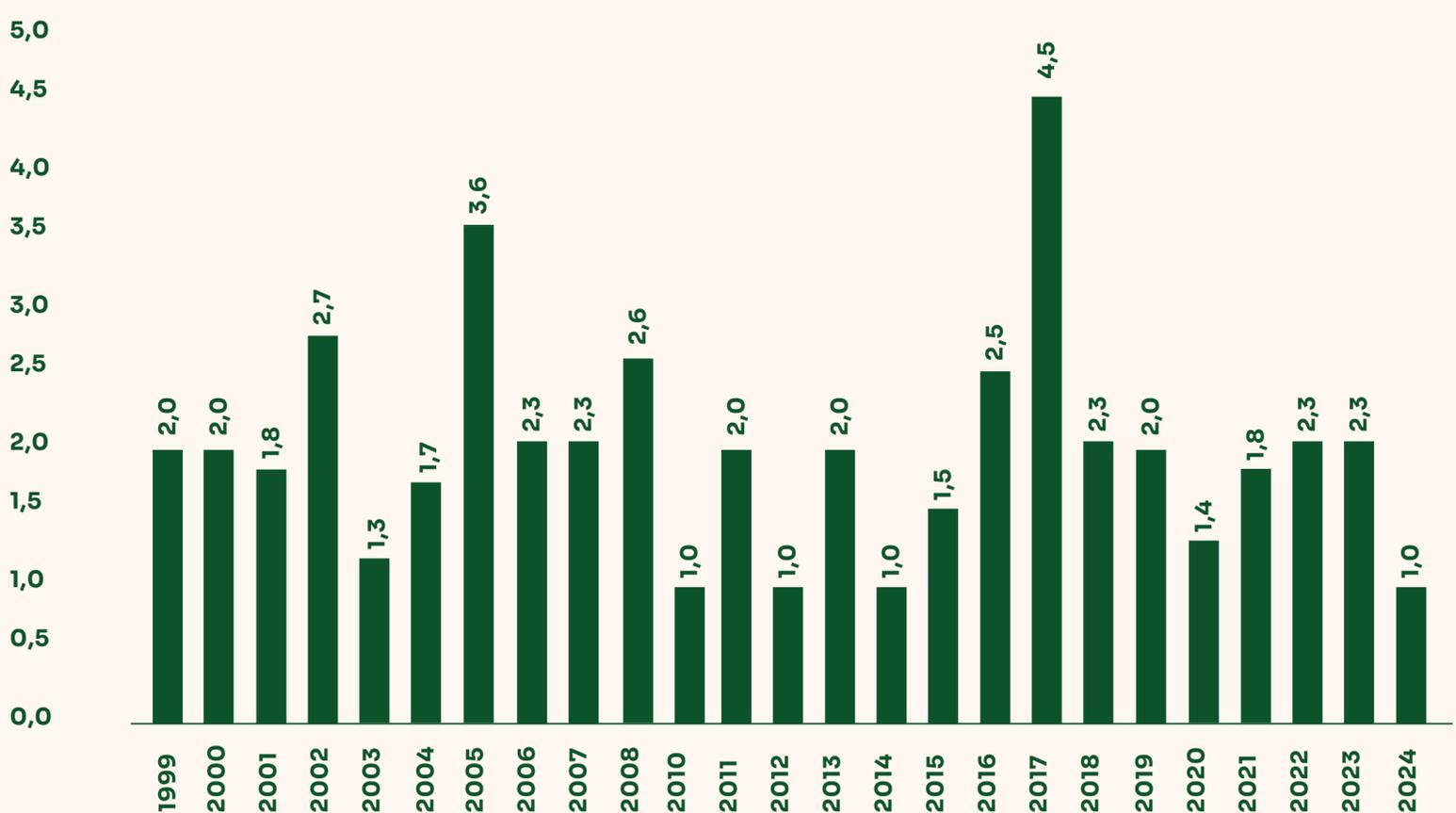


De maneira geral, a distribuição dos projetos sugere uma trajetória de consolidação ao longo do tempo, com períodos de maior investimento intercalados por momentos de menor captação. Ao analisar o ranking da quantidade de projetos iniciados por ano, observa-se que 2022 ocupa a primeira posição, enquanto 2023 está em terceiro lugar, demonstrando um desempenho positivo dos anos mais recentes. Já o ano de 2024 está em uma posição mais abaixo, mas há alguns motivos que explicam essa queda. No ano de 2022, nove dos doze projetos tinham previsão de conclusão para 2024 ou posteriormente, e, no ano de 2023, todos os que foram iniciados seguiram essa mesma tendência. Desse modo, a quantidade de projetos começados no ano de 2024 não representou um desempenho negativo, mas sim um possível alcance da capacidade produtiva máxima do laboratório.

A análise da duração média dos projetos do CRISP ao longo do tempo revela uma variação significativa entre os anos. Nos primeiros anos, entre 1999 e 2006, a duração média variou entre 1,3 e 3,6 anos, com destaque para 2005, quando os projetos tiveram a maior média desse período (3,6 anos). Já entre 2007 e 2016, a duração dos projetos se manteve relativamente estável, oscilando entre 1,0 e 2,7 anos, com exceção de 2017, que apresentou um aumento expressivo, atingindo uma média de 4,5 anos.

Nos anos mais recentes, de 2018 a 2024, observa-se uma tendência de redução na duração média dos projetos. Enquanto em 2018 e 2019 a média se manteve em torno de 2,0 anos, a partir de 2020 os projetos passaram a ter menor duração, com valores médios variando entre 1,0 e 2,3 anos. Em 2024, a média atingiu o valor mais baixo do período analisado (1,0 ano), sugerindo uma possível priorização de projetos de curta duração ou mudanças nas estratégias de financiamento e captação do CRISP.

Gráfico 3: Duração média dos projetos, por ano em que eles foram iniciados pelo CRISP



De maneira geral, a análise da quantidade e da duração dos projetos do CRISP sugere uma trajetória de consolidação institucional, com variações ao longo dos anos que refletem tanto oportunidades externas de financiamento quanto estratégias internas de gestão. O crescimento expressivo na captação de projetos nos últimos anos indica um fortalecimento do laboratório, ao mesmo tempo que a redução na duração média pode apontar para uma adaptação às exigências de financiamento ou para uma busca por maior agilidade na execução das pesquisas. Essas dinâmicas evidenciam a capacidade do CRISP de se ajustar ao cenário acadêmico e político, garantindo sua relevância e sua sustentabilidade ao longo do tempo.

MATRIZES DAS LINHAS DE PESQUISA

Ao observar a trajetória acadêmica do CRISP, é muito comum se deparar com grandes projetos na área da criminalidade e da segurança pública. O laboratório tem o poder de colocar seu trabalho em prática e impactar a sociedade positivamente. Os resultados gerados pelos projetos do CRISP são extremamente satisfatórios, de tal maneira que vários deles perduram por anos na política pública. Esta parte do capítulo terá como objetivo apresentar alguns dos projetos mais relevantes do CRISP e quais foram os seus impactos na sociedade.

Assim, é importante destacar que o Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública organiza suas pesquisas em cinco grandes linhas temáticas. A primeira, Políticas Públicas em Segurança, investiga a formulação, a implementação e o impacto das estratégias governamentais voltadas à prevenção e ao controle da criminalidade. A segunda, Organizações Policiais, analisa a estrutura, o funcionamento e a cultura das forças de segurança, bem como seus desafios institucionais. A terceira, Estruturação de Bases de Dados, foca na sistematização e na análise de informações criminais, contribuindo para a produção de conhecimento qualificado e embasamento de políticas públicas. A quarta, Justiça Criminal e Sistema Prisional, examina o funcionamento do sistema de Justiça, os fluxos processuais e as dinâmicas do encarceramento no Brasil. Por fim, a linha de Formação de Recursos Humanos tem como objetivo capacitar novos pesquisadores e profissionais da área por meio de treinamentos, cursos e inserção em projetos de pesquisa aplicada.

1. POLÍTICAS PÚBLICAS EM SEGURANÇA

Um dos componentes genéticos do CRISP são os projetos em políticas públicas que foram implementados. Desde sua fundação, essa orientação mais aplicada foi uma das principais diretrizes dos projetos desenvolvidos, e, nesse sentido, várias foram as direções tomadas. Com isso em vista, aqui são apresentados alguns dos projetos mais relevantes do CRISP e quais foram os seus impactos na sociedade. Não se trata de um levantamento exaustivo, mas tão somente do apontamento de alguns que são mais exemplares dos trabalhos nessa seara.

Formação e implementação de Conselhos Comunitários em Belo Horizonte.

A ideia de uma polícia orientada para a solução de problemas e para a melhoria da qualidade de vida de comunidades nos moldes da filosofia de polícia comunitária foi introduzida no Brasil nos anos 1980, tendo como principal precursor e defensor o coronel da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro Carlos Nazareth Cerqueira. A introdução do conceito de polícia comunitária coincide com o período de abertura democrática inaugurado com a promulgação da Constituição de 1988. No Brasil, as primeiras experiências de policiamento comunitário surgiram nas cidades de Guaçuí e Alegre no Espírito Santo, em 1988, e em Copacabana, no Rio de Janeiro, no período de 1994–95. Em 1997, inicia-se na cidade de São Paulo a implementação dos Conselhos Comunitários de Segurança nos vários bairros como meio de viabilizar o trabalho preventivo da polícia comunitária. Em Belo Horizonte, a primeira experiência de policiamento comunitário é implementada em alguns bairros a partir de 1993.

Essa primeira experiência de policiamento comunitário em Belo Horizonte não atingiu o objetivo de aumentar a confiança e a credibilidade pública na polícia e garantir segurança com a prevenção e a diminuição de crimes. Em 1999, o Comando de policiamento da Capital da Polícia Militar de Minas Gerais introduz a Polícia de Resultados, que passa a orientar o planejamento das ações de polícia na cidade tendo por base o mapeamento da criminalidade e o fortalecimento do atendimento descentralizado às demandas das comunidades. A utilização do geoprocessamento e a criação dos Conselhos Comunitários de Segurança se tornam os instrumentos essenciais para a viabilização dessa nova política de polícia.

A Polícia de Resultados² tem como princípios norteadores de sua ação: 1) a regionalização das atividades de polícia ostensiva e a valorização das Unidades Básicas de Policiamento; 2) o geoprocessamento da violência, da criminalidade e de características socioeconômicas das subáreas das Companhias; 3) a avaliação de resultados e o estabelecimento de metas a serem atingidas; 4) a otimização da administração operacional nas Unidades Básicas de Policiamento; e 5) o envolvimento da comunidade.

Escola Viva, Comunidade Ativa

Essa pesquisa foi financiada pela Secretaria de Estado de Educação e seu objetivo era apresentar os modos como violência e criminalidade ocorrem nas escolas que fazem parte do programa Escola Viva, Comunidade Ativa, localizadas na capital mineira e nos municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Buscava, também, averiguar como tais fenômenos eram interpretados por alunos e professores daquelas instituições. Foram entrevistados 1.864 alunos, 120 professores, trinta diretores e cerca de cinquenta pais de alunos matriculados em 32 escolas estaduais que são atendidas pelo programa acima referido.

Custos sociais e econômicos da violência: centros de saúde

Diversas são as perdas geradas pela violência. Algumas se referem a gastos diretos e indiretos feitos com a obtenção da segurança e com a perda de bens que deixam de ser produzidos ou que o são precariamente, o que afeta a população de um modo geral. O fato é que, além de danos financeiros, físicos e morais, a população tem perdido na qualidade dos serviços que são a ela prestados, como o de saúde, por exemplo, que, em alguns casos, é desempenhado por funcionários que trabalham em constante estado de alerta, o que contribui para uma diminuição na qualidade do serviço. Esse foi um dos objetos de pesquisa feita pelo CRISP em 2000 nos centros de saúde das regionais de Belo Horizonte sobre como se dá a percepção da violência nesses locais.

As implicações socioeconômicas da violência em Belo Horizonte: as escolas

A investigação sobre as implicações socioeconômicas da violência nas escolas consistiu em um estudo sobre as perdas sociais geradas pela violência e pela criminalidade nas escolas de Belo Horizonte.

Essa pesquisa estava inserida em um projeto maior do CRISP de levantamento das perdas sociais geradas pela violência. Tal projeto já contou com uma pesquisa exploratória constituída pela investigação realizada nos postos de saúde da grande BH, que procura medir as consequências da violência localizada no espaço geográfico onde se situam esses postos para o atendimento de saúde da população e para os trabalhadores dos postos de saúde.

2. ORGANIZAÇÕES POLICIAIS

As pesquisas sobre as polícias investigam sua estrutura, suas práticas e suas percepções, abordando temas como gênero, policiamento comunitário e políticas de segurança.

Avaliação da atuação da Ouvidoria de Polícia do Estado de Minas Gerais – Período: 2003

Em 2003, o Ouvidor de Polícia de Minas Gerais solicitou a colaboração do CRISP no sentido de organizar a base de dados da Ouvidoria, com o objetivo de melhorar o sistema de coleta e análise de informações, além da futura modificação do sistema, otimizando os recursos humanos e físicos. A partir de então, a equipe do CRISP começou a digitalizar, organizar, criar variáveis e sugerir modificações, visando otimizar a ação da Ouvidoria de Polícia. Encontros regulares entre os pesquisadores do CRISP e os técnicos da Ouvidoria aconteceram ao longo do tempo, visando construir novas metodologias de trabalho.

Projeto MAPA e Polícia de Resultados

O projeto MAPA de Belo Horizonte, de 1999, consistiu numa parceria com o Comando de Policiamento implementado pelo CPC, o Polícia de Resultados. Tratava-se de introduzir novas técnicas de gerenciamento das atividades policiais mediante a descentralização do planejamento de operações e através da introdução de mecanismos de aferição e controle de resultados. A cidade de Belo Horizonte foi dividida em 25 regiões de policiamento, que passam a ser de responsabilidade dos gerentes de segurança pública, na figura dos capitães encarregados de cada Companhia. O projeto MAPA consistiu na utilização intensiva de informações oriundas das ocorrências registradas pela PMMG para efeitos de planejamento operacional e para o desenvolvimento de programas e projetos de controle da criminalidade. Ele se desdobrou em duas etapas: a primeira consistiu na organização de bases de dados de modo a que possam ser utilizados de forma georreferenciada e no treinamento de analistas de crime; a segunda expandiu o universo de usuários do sistema de estatística e georreferenciamento, alcançando o nível dos operadores de rua da polícia, mediante o treinamento de pessoal para efetuar análises no âmbito das companhias de policiamento.

Perfil PMMG

Em pesquisa feita em 2000, foram entrevistados quase mil policiais em Belo Horizonte, numa parceria entre a Fundação João Pinheiro (FJP) e o CRISP. Uma análise descritiva preliminar dos dados do survey permitiu algumas observações a respeito do perfil de oficiais e praças da PMMG sediada em Belo Horizonte. Esse perfil é composto de: dados a respeito do trabalho policial; sistemas de recompensa e punição, com ênfase no código disciplinar; avaliação do público e de movimentos sociais; relacionamento com o público; e insuflamento da atividade policial em relação à sociedade. Além disso, foram construídos índices de: profissionalismo; perfil de relacionamento profissional com o público; e percepção de comportamento legalista na ação policial.

Fica Vivo!

Entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000, um diagnóstico realizado pelo CRISP identificou um crescimento alarmante da criminalidade violenta em Belo Horizonte. A partir desses dados, em 2002 o laboratório formou um grupo que se encarregou de formular um projeto de intervenção para a redução dos eventos de homicídio. O plano se dividiu em duas frentes: uma para ações de repressão focalizada ao crime e outra focada nas atividades de mobilização social.

O problema se concentrava nos locais onde a taxa de homicídio era alta e o público-alvo era composto por jovens entre 12 e 24 anos em gangues e atividades criminosas. Como o Estado não conseguia conter a violência com estratégias comuns de policiamento, foi necessário um modelo inovador, o “Fica Vivo” — nome escolhido pelos jovens. A sua implementação, em 2003, contou com um grupo de instituições parceiras, tais como a Polícia Militar de Minas Gerais, a Polícia Civil, a Polícia Federal, o Ministério Público, o Poder Judiciário, o Câmara de Dirigentes Lojistas e órgãos não governamentais.

Inicialmente, foi financiado por fonte privada, mas, posteriormente, foi incorporado como uma política do governo de Minas Gerais e passou a estar no orçamento governamental. No eixo de Proteção Social, o programa promove oficinas de esporte, cultura e arte, realiza projetos locais, de circulação e institucionais, faz atendimentos individuais dos jovens e promove Fóruns Comunitários. Todas essas oficinas têm como maior foco a prevenção à crim-

inalidade, proporcionando um ambiente de proteção e participação social. Já no eixo de Intervenção Estratégica, o programa promove uma maior interação entre a Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (Sejusp), a Polícia Militar, a Polícia Civil, o Ministério Público, o Poder Judiciário e órgãos municipais de segurança pública.

O Fica Vivo! apresentou resultados positivos na redução de homicídios de adolescentes e jovens. De acordo com o artigo “Impacto do Programa Fica Vivo! na redução dos homicídios em comunidades de Belo Horizonte”, nos primeiros seis meses obteve-se 69% de redução no número médio de homicídios. Durante os períodos de refluxo e retomada parcial do programa, o impacto na redução dos homicídios foi menor. No entanto, a diferença entre os coeficientes em relação ao período inicial não apresentou significância estatística. Além disso, houve alguns resultados qualitativos também, como o aumento da confiança da população na polícia devido à presença fixa do GEPAR, a criação de novas oportunidades para os jovens e o fortalecimento do controle comunitário da violência.

IGESP (Integração da Gestão em Segurança Pública):

A Integração da Gestão em Segurança Pública (IGESP) foi um projeto iniciado no ano de 2005, em Belo Horizonte, financiado pela Secretaria de Estado da Defesa Social de Minas Gerais. A iniciativa surgiu em um contexto de reformas no sistema de segurança pública no estado, em que o CRISP pôde auxiliar e avaliar a implementação da metodologia. Seu papel foi, basicamente, avaliar a viabilidade e os impactos do projeto, propor melhorias, monitorar os resultados e auxiliar com evidências científicas. Após o início do projeto na cidade de Belo Horizonte, em 2008 ele chegou a outros 56 municípios.

O IGESP é uma metodologia inovadora na área da gestão pública, a qual tem o objetivo de melhorar a articulação entre os atores que compõe o Sistema de Segurança Pública e de Justiça Criminal. O modelo foi inspirado em metodologias internacionais bem-sucedidas, como o COMPSTAT e estratégias de integração de segurança utilizadas na Colômbia.

O projeto foi estruturado para sanar alguns problemas da segurança pública do estado, como a falta de comunicação entre as polícias, a tomada de decisão sem base estatística e a falta de coordenação com outras instituições do

sistema de Justiça Criminal. O IGESP atua em áreas de alta concentração criminal, realizando reuniões internas com as forças policiais que monitoram os indicadores e montam planos de ação estratégicos para o local. Além dessas reuniões, há a articulação com vários atores, como o Ministério Público, o Tribunal de Justiça, a Defensoria Pública, Prefeituras, Conselhos Comunitários de Segurança Pública (Conseps), Câmaras de Dirigentes Lojistas (CDL) e demais atores com alguma relação com o problema avaliado.

O sistema foi estruturado a partir da divisão e da compatibilização territorial em três níveis: Região Integrada de Segurança Pública (Risp), Área de Coordenação de Segurança Pública (Acisp) e Área Integrada de Segurança Pública (Aisp). Em cada um desses níveis, há a corresponsabilização dos órgãos de segurança pública sobre os resultados alcançados.

O IGESP apresenta três pilares metodológicos. O primeiro é a gestão orientada para a solução de problemas com foco na prevenção, fundamentando-se no uso de informações para precauções. O segundo é a gestão em rede, o qual visa propiciar interlocuções entre diferentes agências. O último é a gestão para resultados, pautando-se em um planejamento eficiente, eficaz e efetivo, metas factíveis e indicadores adequados.

Após a implementação do modelo, alguns resultados qualitativos foram visíveis e analisados. Dentre eles: a melhoria na integração das polícias, o aprimoramento na tomada de decisões e o fomento à realização de operações e de ações conjuntas no âmbito do sistema de Justiça e de segurança pública mineiro. Além disso, alguns resultados quantitativos, principalmente devido aos indicadores, também aconteceram. Dentre eles, há uma avaliação de impacto, na qual mostrou-se que, ao analisar os dados entre os anos de 2000 e 2008, houve redução da criminalidade. Há estimativas que indicam uma redução de 24% nos crimes contra a propriedade e uma redução de 13% naqueles contra pessoas.

O IGESP ainda está em atuação em Minas Gerais, o que demonstra o forte impacto e a relevância do CRISP na política pública. De acordo com a notícia “Programa da Sejusp identifica áreas críticas para reduzir a criminalidade em Minas”, os números mostraram a eficácia da metodologia nas regiões entre agosto e dezembro de 2022 e 2023. No estado como um todo, a queda foi

de 5,5%. Em Belo Horizonte, cidade com maior número absoluto de ocorrências, houve uma redução de 1,3% no índice. Em Uberlândia a redução foi de apenas 2,2%. Já Juiz de Fora registrou uma queda maior, de 21,8%. Contagem, por sua vez, apresentou uma redução de 6,8%. Essa mesma notícia, publicada no ano de 2024, previa a expansão da metodologia para outras cidades e o aumento da abrangência e do impacto das ações integradas.

Avaliação do Programa Liberdade Assistida – Prefeitura de Belo Horizonte

Esse projeto foi realizado em parceria com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Essa pesquisa propõe avaliar o impacto da medida “Liberdade Assistida” na vida dos adolescentes que a estão cumprindo e na daqueles que já passaram pelo programa na cidade de Belo Horizonte. Tratava-se de conhecer as características e os modos de atuação de uma medida socioeducativa, com cumprimento em liberdade, aplicada a adolescentes infratores.

3. ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DE BASES DE DADOS

Análise de conglomerados espaciais através de Árvore Geradora Mínima

Esse projeto tem o objetivo de agrupar áreas geográficas de uma região (como setores censitários que compõem um município) em grupos que possuam grande homogeneidade interna com relação a variáveis medidas em cada área e que fossem, ao mesmo tempo, heterogêneos entre si. Propusemos um método para a criação desses conglomerados espaciais baseado em Árvores Geradoras Mínimas.

Principal Produto: Criamos o software SKATER (Spatial Cluster Analysis by Tree Edge Removal), em que o método foi implementado em C++.

Estamos finalizando a versão final para uso geral por usuários. O software será disponibilizado gratuitamente na página do CRISP e do LESTE.

Criação do software TERRASTAT

Criação de uma biblioteca de sub-rotinas em C++ de análise estatística de dados georreferenciados para ser incorporada à TERRALIB, uma bibliote-

ca pública e aberta, desenvolvida e mantida pelo INPE. Essa biblioteca permitirá a criação e o desenvolvimento de aplicativos geográficos, e conterá componentes de gerenciamento de dados, estrutura de dados espaciais, conversão de dados e algoritmos de análise espacial. Esse projeto teve início em abril de 2002 e passa por constantes atualizações.

Detecção de Clusters

O método de varredura é um dos principais métodos para detecção de clusters (ou hotspot) atualmente disponível. O objetivo desse trabalho foi estudar o poder estatístico de referido método em situações em que as suposições deste último não são satisfeitas. Basicamente, foram simulados vários cenários, com casos distribuídos aleatoriamente sobre a região e com casos distribuídos segundo a presença de um ou dois aglomerados. Definido o cenário, ele foi simulado uma grande quantidade de vezes e utilizamos o SaTScan em conjunto com o S-Plus para obter as estimativas do poder estatístico do teste em cada cenário.

O teste mostrou ter um baixo poder em detectar um tipo especial de aglomerado (tipo clinal), independentemente de a população ser homogênea ou não, e que a presença de outro aglomerado clinal não afeta em muito o poder do teste. Quanto ao desempenho do teste, notamos que a definição da medida usada para estimar o poder estatístico pode afetar as conclusões e, de modo geral, a presença de um segundo aglomerado reduzia o poder do teste.

Projeto encerrado em agosto de 2001.

Software Bayes

Trata-se da suavização de taxas em mapas com o método bayesiano empírico. Parece razoável que as diferenças entre as taxas desconhecidas possuam uma regularidade ou uma homogeneidade derivada dos processos sociais e ambientais subjacentes que afetam a região em estudo. Dessa forma, é possível, através de modelos probabilísticos, determinar as variações das taxas de crime. Essa modelagem das taxas desconhecidas reconhece que elas não são números totalmente arbitrários, mas com alguma relação. Assim, algumas áreas com elevadas taxas devido meramente a uma flutuação aleatória são ‘estabilizadas’ para um valor mais plausível (taxa global) pelo estimador bayesiano linear empírico ótimo.

Crime e Oportunidade – Programas de Redução da Violência

Aplicação da Teoria das Oportunidades na análise das taxas de criminalidade. Para tal, ele organizará uma base de dados pontuais geoprocessados sobre crimes violentos na cidade de Belo Horizonte. Em particular, serão discutidas hipóteses que buscam explicar taxas de criminalidade em referência a indicadores de desigualdade ou de carência de serviços básicos providos pelo Estado. Serão utilizados índices de criminalidade violenta coletados para todos os setores censitários da cidade. Esses indicadores serão corrigidos através dos estimadores empíricos de Bayes e correlacionados com informações socioeconômicas, procedendo-se, assim, a uma análise ecológica da incidência de delitos criminais. Além dos dados de fontes secundárias, serão utilizadas informações produzidas anteriormente através de: a) um survey sobre desordem, medo, vitimização e coesão social com a população de 140 bairros; e b) survey com os policiais da cidade, composto por 1.200 questionários.

Pesquisa Nacional de Vitimização

A Pesquisa Nacional de Vitimização (PNV), lançada pelo Ministério da Justiça em 2012, foi o projeto de maior valor financeiro na história do CRISP. A PNV foi um levantamento estatístico pioneiro no Brasil, desenvolvido para mensurar a subnotificação de crimes e entender a realidade do crime e da insegurança no Brasil. O seu objetivo foi a coleta de dados ausentes, fornecendo informações sobre os crimes que foram ou não reportados à polícia. A pesquisa buscou comparar os dados da polícia com a realidade percebida pela população. Agora, esse levantamento demonstra, por exemplo, que somente entre 25% e 30% dos problemas chega ao conhecimento das autoridades.

O CRISP foi a instituição responsável por conduzir a pesquisa de vitimização, uma vez que já apresentava experiência com essa metodologia. O Ministério da Justiça definiu a amostra e os questionários da pesquisa, enquanto o laboratório executou a coleta e a análise dos dados. Com base em metodologias internacionais, a PNV também teve o intuito de comparar os dados coletados com os de outros países e auxiliar na formulação de políticas públicas.

A pesquisa coletou informações de 78.008 entrevistados em todo o Brasil, sendo a maioria composta por jovens, mulheres e pessoas não brancas. Os

resultados encontrados foram extremamente relevantes em diversos tópicos. A pesquisa revelou que grande parte das pessoas não confia na Polícia Militar e na Polícia Civil. Também foram encontrados altos índices de subnotificação, em que 70,9% das vítimas de furto e 60% das vítimas de roubo na região metropolitana de Belo Horizonte não denunciaram o crime à polícia. Para crimes de agressão sexual, o índice de subnotificação chegou a 65,7%. Ademais, o medo da criminalidade foi um fator apontado, obtendo-se 72% de índice de pessoas com temor de invasão de suas casas e 71% de indivíduos receosos de serem assaltados, além de 65% com medo de serem assassinados, o que leva a muitas mudanças de hábito.

Apesar da sua influência e da sua relevância na sociedade, a PNV, infelizmente, não se tornou uma pesquisa recorrente. No entanto, seus dados ainda são utilizados no meio acadêmico, servindo de referência para estudos e relatórios da área de criminalidade e da segurança pública.

4. JUSTIÇA CRIMINAL

Desde os estudos pioneiros do professor Antônio Luiz Paixão sobre organizações policiais e o sistema de Justiça Criminal, passando pelos estudos de Joana Domingues Vargas, o CRISP teve como um de seus componentes genéticos os estudos sobre as organizações do sistema de Justiça. Hoje essa área de estudos está sob a liderança de Ludmila Ribeiro. Abaixo, são apresentados alguns dos principais projetos da linha.

Ministério Público e controle da Justiça

Os estudos sobre o Ministério Público focam no papel da instituição na supervisão do sistema de Justiça. O projeto “Ministério Público: Guardião da Democracia” investiga as funções dos promotores e seu impacto na garantia de direitos. O “Observatório da Justiça” analisa a coerência das decisões judiciais em casos de corrupção e direitos de minorias. Já “A Grande Família Judicial” examina os padrões decisórios das elites judiciais e suas consequências na administração dos conflitos criminais.

Audiência de custódia e decisões Judiciais

As audiências de custódia são centrais nas pesquisas sobre o impacto das decisões judiciais no encarceramento provisório. O projeto “Comportamento judicial: como a raça e a forma de realização das audiências de custódia afetam as decisões?” examina como fatores raciais e a videoconferência influenciam os resultados. Já “Monitoramento das audiências de custódia (fase 3)”, “Garantindo a Liberdade Provisória: o papel das audiências de custódia” e “O efeito das audiências de custódia no fluxo de processamento do sistema de Justiça Criminal” investigam a eficácia dessas audiências na mitigação da prisão provisória e da violência policial.

Fluxo de processamento do sistema de Justiça Criminal

Os estudos sobre o fluxo de processamento penal analisam a morosidade e a seletividade do sistema de Justiça. Projetos como “Mensurando o tempo do processo de homicídio: 10 anos depois” e “Mensurando o tempo do processo de homicídio doloso em cinco capitais brasileiras” avaliam a duração dos processos e seus impactos. A pesquisa “Fluxo de processamento do tráfico de drogas em Belo Horizonte: uma década de seletividade (2006–2016)?” examina como a lei de drogas é aplicada. Além disso, “Is the plea bargain the solution?” e “Compreendendo a categoria excesso de tempo a partir dos julgados do STF e STJ” discutem estratégias para acelerar o processamento penal e seus desafios.

Sistema prisional e criminalidade organizada

Os estudos sobre o sistema prisional investigam a vida dentro das prisões e a atuação do crime organizado. O projeto “Quem são, como vivem e com quem se relacionam os detentos da Região Metropolitana de Belo Horizonte” analisa o perfil dos presos e suas redes. Já “Percepções sociais sobre o sistema prisional brasileiro” avalia a visão da sociedade sobre as prisões. A pesquisa “As Políticas Penitenciárias em Minas Gerais: uma análise sócio-histórica (1983–2017)” examina a evolução do encarceramento no estado, enquanto “Missão Guardar” investiga as condições de trabalho dos agentes penitenciários. Por fim, “Para além de São Paulo: expansão e práticas do Primeiro Comando da Capital (PCC) como rede nacional e transnacional” analisa a difusão do PCC e suas dinâmicas dentro e fora das prisões.

5. FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

O Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública tem uma atuação consolidada na formação e na capacitação de profissionais da área de segurança pública, pesquisadores e gestores. A oferta de cursos e treinamentos constitui uma linha fundamental de atuação do Centro, contribuindo para o aprimoramento das políticas públicas e para a qualificação dos agentes envolvidos no enfrentamento da criminalidade.

Os cursos de extensão são um dos principais eixos dessa iniciativa. O curso Analista de Crime já formou mais de 1.500 profissionais, capacitando-os para a análise de padrões criminais e para a formulação de estratégias eficazes de prevenção e repressão. O curso de Policiamento Comunitário aprofunda as práticas dessa abordagem, promovendo uma interação mais próxima entre as forças de segurança e a população. Já o curso de Gestão em Segurança Pública fornece as bases para a administração de recursos e para a formulação de estratégias voltadas para a melhoria da segurança.

Além dos cursos de extensão, o CRISP coordena o Curso de Especialização em Estudos de Criminalidade e Segurança Pública, uma das iniciativas mais longevas na área, em funcionamento desde 2002, com interrupção entre 2018 e 2022, e retomada regular desde então. Esse curso tem formado gerações de especialistas, combinando teoria e prática para uma compreensão aprofundada das dinâmicas da criminalidade e das políticas de segurança.

Outros treinamentos oferecidos incluem o Treinamento de Agentes Penitenciários, que busca aprimorar a formação desses profissionais para os desafios do sistema prisional, e o curso de Análise Espacial da Criminalidade, que ensina técnicas de geoprocessamento para a identificação de padrões criminais e apoio à tomada de decisão.

Para ampliar o acesso à formação, o Núcleo Tecnológico de Cursos à Distância permite que um público ainda maior tenha acesso aos conteúdos especializados do CRISP, promovendo a capacitação contínua e democratizando o conhecimento na área de segurança pública.

Com essa diversidade de cursos e treinamentos, o CRISP reafirma seu papel como um centro de referência na formação de profissionais e na produção de conhecimento voltado para a melhoria das políticas de segurança e Justiça Criminal no Brasil.

A COMUNIDADE CRISP:

PROFESSORES,
PESQUISADORES
E ESTUDANTES

Como já citado no primeiro capítulo deste relatório, ao decorrer do projeto “Memórias do CRISP”, foi enviado um formulário para os membros atuais. Essa pesquisa tem como objetivo coletar dados sobre os participantes do laboratório, além de identificar possíveis pontos de melhoria para o CRISP. Anteriormente a este projeto, o CRISP não possuía uma lista completa de quem já esteve ou está no laboratório e seus respectivos contatos. Além disso, a satisfação dos membros era analisada apenas a partir do pressentimento de cada professor, uma vez que nunca haviam feito uma pesquisa mais aprofundada sobre como cada integrante se sentia trabalhando no CRISP. Felizmente, os resultados foram ótimos nesse quesito.

Ademais, os professores foram entrevistados e não receberam o formulário, dado que, depois de uma análise, chegou-se à conclusão de que apenas o formulário não seria suficiente. Isso porque, além de os professores participarem do survey de dados e satisfação, eles são membros essenciais para que a origem e a trajetória do CRISP sejam narradas de maneira clara e completa. Em 2025, membros de 2024 saíram e novos membros entraram. Assim, cabe frisar que todos os dados apresentados no relatório são do 2º semestre de 2024. Porém, o intuito é que a análise de satisfação dos membros e a realização de censos não sejam hábitos perdidos, e sim aprimorados gradativamente — sobretudo, porque essa análise realizada no ano de 2024 foi essencial para que algumas melhorias fossem identificadas, analisadas e implementadas.

DADOS GERAIS

A seguir, são apresentados os dados gerais do laboratório no 2º semestre de 2024:

Tabela 2 – Características gerais dos pesquisadores e professores do CRISP

INDICADORES	DADOS
Quantidade total de membros	64
Quantidade de pesquisadores (não professores)	56

INDICADORES	DADOS
Quantidade de professores	8
Idade média dos pesquisadores	32
Tempo médio de permanência dos pesquisadores	4
Porcentagem de alocação dos pesquisadores em projetos	69,64%
Porcentagem de pesquisadores que recebem outra bolsa além da do CRISP	33,9%

A partir dos dados gerais coletados, é possível perceber que o laboratório é composto por 64 pessoas, o que é considerado um número significativo para um centro de estudos na Universidade Federal de Minas Gerais. Ademais, a proporção entre o número de professores e o número de pesquisadores é de 1 para 7. Como um professor no CRISP deve ensinar, orientar e supervisionar os pesquisadores, além de realizar suas próprias pesquisas, é nítido que, muitas vezes, pode haver uma sobrecarga desses profissionais.

Uma outra questão visualizada é que, atualmente, todas as funções administrativas são realizadas por pesquisadores do laboratório. Por exemplo, o bolsista Rodrigo Fernandes, por ter um conhecimento maior em administração e contabilidade, fica responsável pelo acompanhamento de todos os projetos, ainda que não sejam executados por ele. O fato de o CRISP não ter uma gestão profissional pode, algumas vezes, sobrecarregar alguns dos pesquisadores e tirá-los do seu foco principal, a pesquisa. Contudo, contratar profissionais para atividades de suporte é uma situação burocrática nas instituições públicas do Brasil, dificultando a mudança do cenário atual.

A idade média dos pesquisadores é de 32 anos e o tempo médio de permanência no laboratório é de quatro anos. A maioria dos pesquisadores são doutorandos/doutores, mas também há membros que estão no ensino médio, na graduação, no mestrado e no pós-doutorado. A maior parte dos pesquisadores está inserida na área da Sociologia, mas também há membros das áreas de Gestão Pública, Medicina, Serviço Social, Psicologia, Ciência de Dados,

Química (técnico) e Direito. Cabe frisar que, embora haja interdisciplinaridade no laboratório, a grande maioria dos pesquisadores pertence à seara das Ciências Humanas. Essa “homogeneidade” é, por alguns, considerada necessária, enquanto para outros é vista como um ponto a ser melhorado no centro de pesquisa.

No final do segundo semestre de 2024, 69,64% dos pesquisadores estavam alocados em projetos. Entretanto, foi relatado que novos projetos no CRISP surgem a todo momento, principalmente depois que mais professores ingressaram no Centro. Assim, ainda que 30,36% dos pesquisadores estivessem desalocados no momento do preenchimento do formulário, era improvável que o período de desalocação se estendesse por muito tempo. Os dados também apontaram que 33,9% dos pesquisadores do CRISP recebem ao menos uma outra bolsa para além daquela do laboratório.

DADOS DE DIVERSIDADE

O formulário enviado aos membros atuais também permitiu que a equipe do projeto “Memórias do CRISP” pudesse avaliar os indicadores de diversidade do laboratório. A seguir, são apresentados os dados do CRISP relativamente a esse tópico:

Gráfico 2 – Distribuição de gênero dos membros do CRISP



Gráfico 3 – Distribuição racial dos membros do CRISP

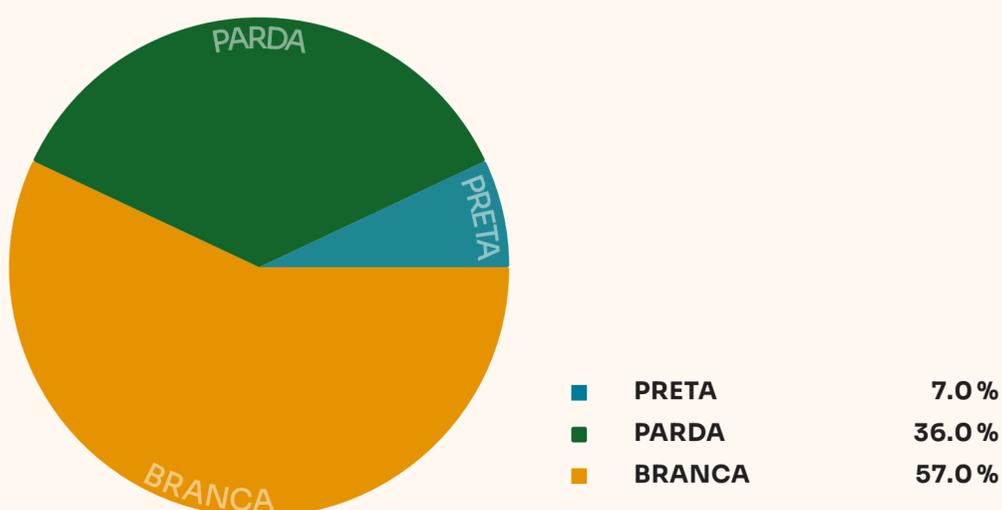
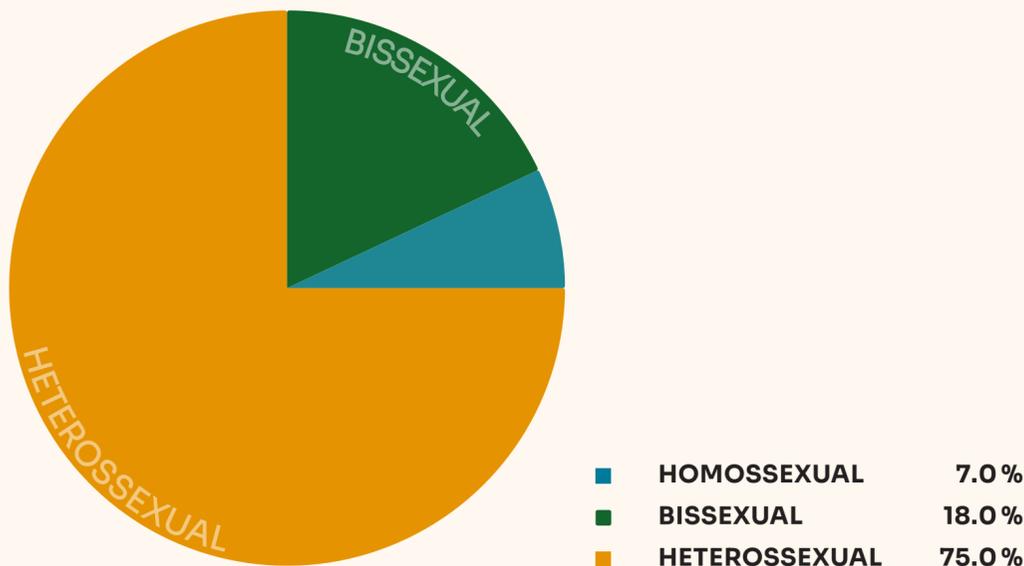


Gráfico 4 – Distribuição da orientação sexual dos membros do CRISP



Com base nos gráficos analisados, é notória a predominância do gênero feminino (66%) no laboratório, diferentemente de grande parte das instituições. O CRISP apresenta diversidade racial, mas, mesmo somando a quantidade de membros pretos e pardos, a raça branca (57%) é majoritária, o que indica um ponto a ser trabalhado. Por último, a grande maioria dos integrantes do laboratório é heterossexual (75%), apresentando certa falta de representatividade do grupo LGBTQIAPN+.

DADOS DE CAPTAÇÃO DE MEMBROS

Anteriormente, o CRISP não tinha um registro de como as pessoas conhecem e decidem ingressar no laboratório. Portanto, foi decidido que seria essencial entender esses tópicos no formulário, uma vez que é interessante que o CRISP direcione os seus esforços de captação de membros de um modo mais assertivo. A seguir, são apresentados os dados de como os pesquisadores atuais conheceram o laboratório:

Gráfico 5 – Como os membros atuais conheceram o CRISP



A partir dos dados acima, é possível analisar que metade (50%) dos pesquisadores atuais conheceram o laboratório através de professores. Isso se dá porque parte dos professores do CRISP ministra ou ministrou aulas nos últimos anos para a maioria dos cursos presentes no laboratório, tornando-se um forte ponto de contato para os alunos. Além do mais, como o CRISP desenvolve inúmeros projetos relevantes para o mercado e o meio acadêmico, ainda que diversos professores não atuem ativamente no laboratório, eles recomendam fortemente a participação dos alunos.

Muitos pesquisadores responderam “Outros” (34%) na pergunta do gráfico anterior. Quando o pesquisador selecionava essa opção, era necessário que ele detalhasse melhor, e, nessa descrição, houve diferentes respostas. Dentre elas: “Pesquisando pelos grupos de estudo/pesquisa no site da Fafich”, “Indicação de uma amiga”, “Divulgação de vaga por meio do Whatsapp”, “Podcast”, entre outras. As respostas mais frequentes na categoria “Outros” envolviam mensagens de divulgação ou redes sociais do CRISP, tornando possível concluir, a partir disso, que estas últimas também são um meio de captação de membros para o laboratório.

A próxima pergunta do formulário foi: “Qual o principal motivo que te levou a se inscrever como bolsista no CRISP/UFMG?”. A pergunta anterior buscava compreender como as pessoas tomavam conhecimento do CRISP, ao passo que essa segunda busca entender o que influencia as pessoas a, de fato, tentarem ingressar no laboratório. A seguir, são apresentados os dados das respostas a essa questão:

Gráfico 6 – Principais motivações para ingresso de bolsistas no CRISP



O gráfico acima retrata que os membros do 2º semestre de 2024 apresentaram como maior motivação apenas os tópicos acima, não obtendo nenhu-

ma resposta “Outros”. Note-se que 64% dos membros apresentaram “Interesse em pesquisa acadêmica” como seu principal motivo.

DADOS DE SATISFAÇÃO COM A CONDUÇÃO DAS ATIVIDADES

O CRISP não apresenta o hábito de recolher informações acerca da satisfação dos seus membros, mas os professores sempre se mantiveram muito próximos dos seus pesquisadores, o que possibilitava a garantia de um bem-estar no Centro. Entretanto, realizar pesquisas de satisfação é uma prática extremamente saudável para qualquer instituição. Os pesquisadores podem, muitas vezes, não se sentir confortáveis em enviar feedbacks, principalmente quando forem negativos. A pesquisa de satisfação serve para minimizar o desconforto e proporcionar um espaço de abertura para sugestões ou elogios. Assim, o CRISP decidiu adicionar algumas perguntas ao formulário que pudessem avaliar, de uma forma mais ampla, a satisfação dos pesquisadores com a condução das atividades do laboratório.

Em geral, o envio de formulários permite que um laboratório consiga gerar dados e tenha um senso real de como os membros estão se sentindo ao desenvolverem suas atividades. Manter a constância desse hábito também é essencial para que haja um acompanhamento periódico, permitindo a observação da melhora ou da piora dos indicadores. Além disso, é muito importante que os pesquisadores se sintam ouvidos e saibam que a opinião de cada um é relevante para o crescimento da instituição.

A seguir, são apresentados os dados de como os pesquisadores atuais avaliavam a condução das atividades no CRISP.

Gráfico 7 – Avaliação da frequência de reuniões no CRISP

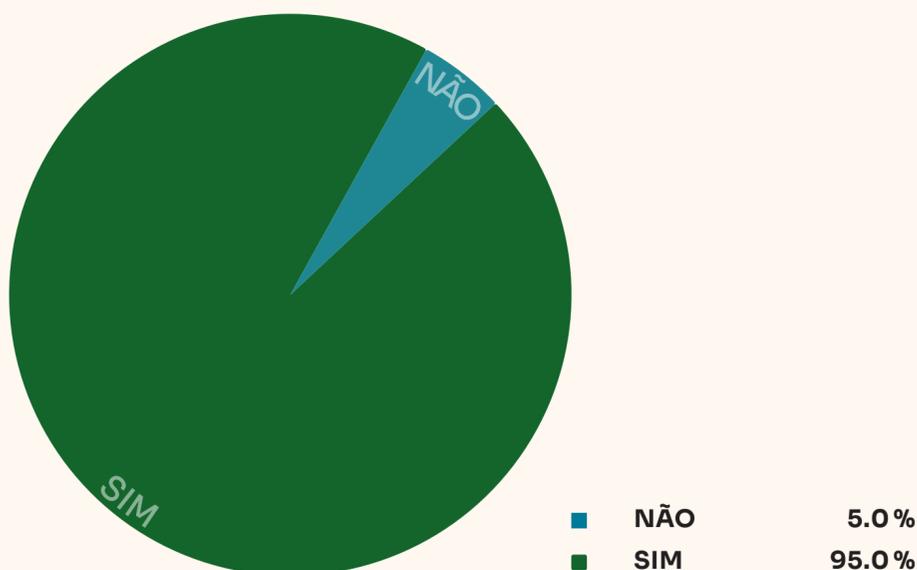


Gráfico 8 – Frequência das reuniões de orientação no CRISP

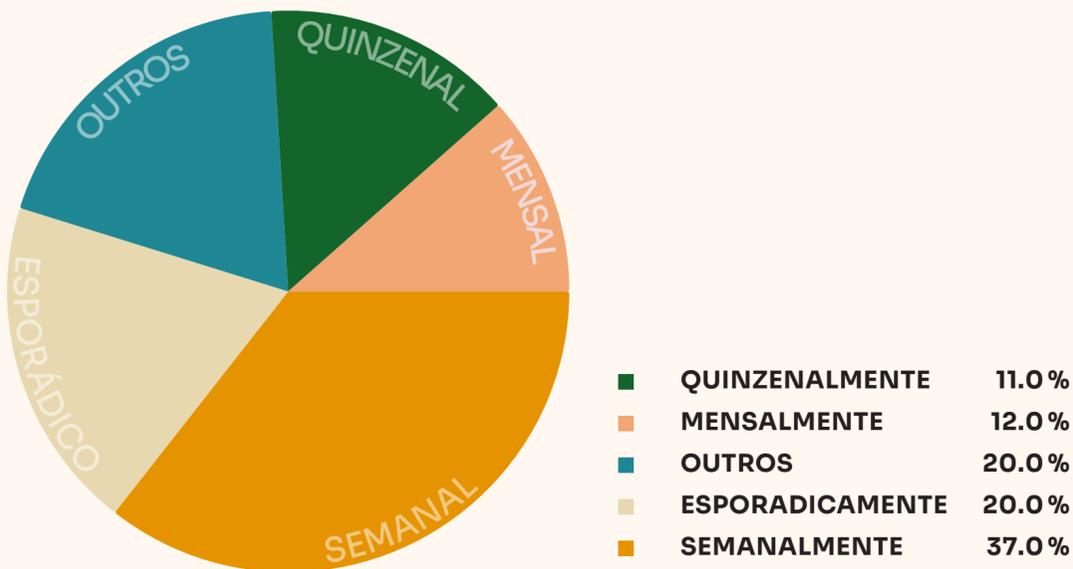


Gráfico 9 – Percepção sobre o direcionamento das atividades de coleta e análise de dados

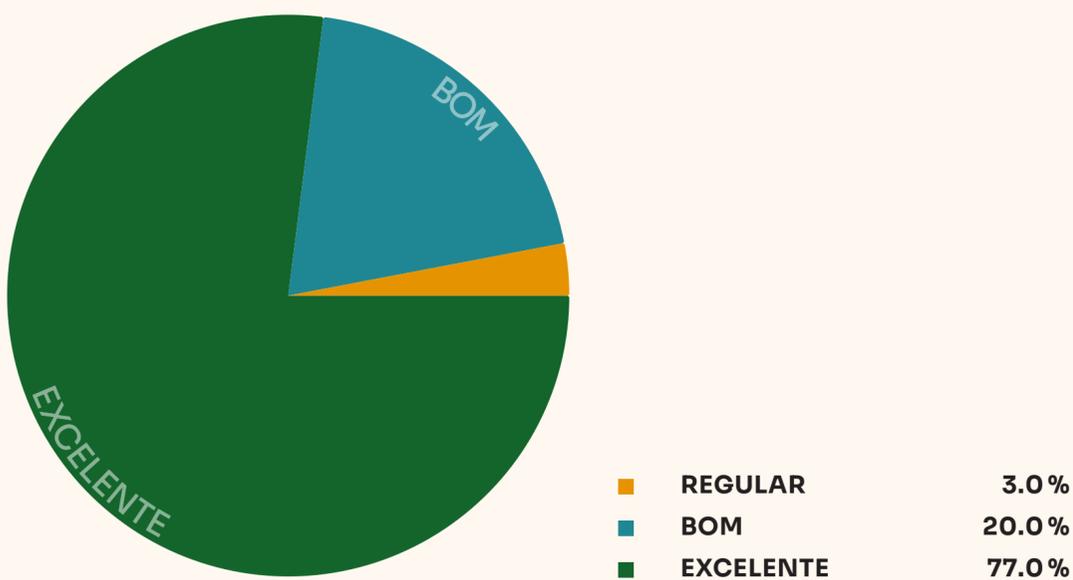
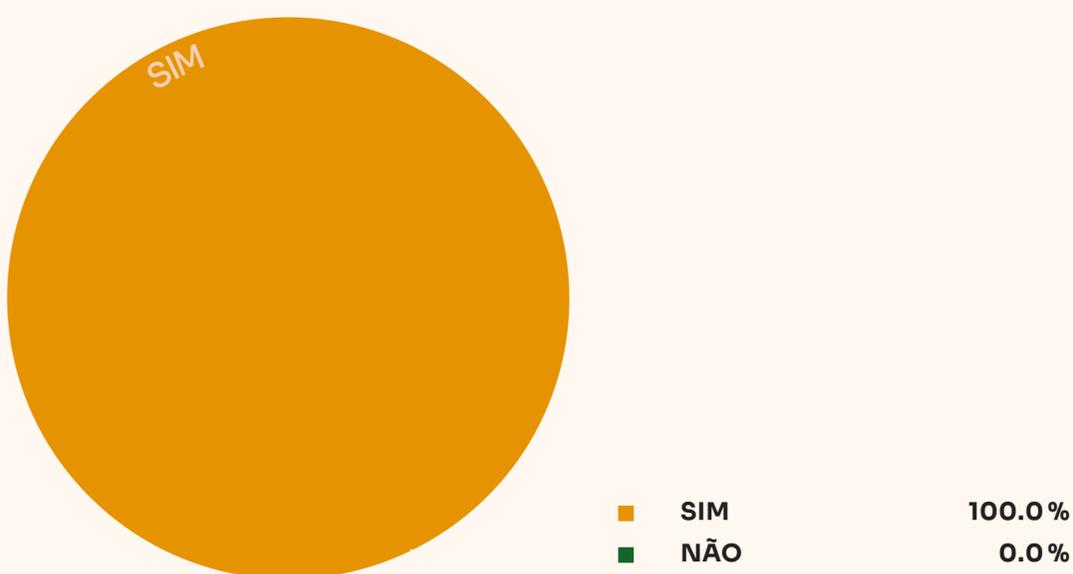


Gráfico 10 – Avaliação do estímulo à inovação e à produção de novos conhecimentos



Analisando os dados coletados, é notório que, de maneira geral, a avaliação dos pesquisadores do CRISP em relação à condução das atividades do laboratório é altamente positiva. Porém, é possível aprofundar as análises sobre alguns indicadores, como a frequência de reuniões e sua adequação, o direcionamento das atividades e o incentivo à inovação e à produção de conhecimentos.

Em relação às reuniões de orientação, a frequência delas é extremamente variável e depende, principalmente, do tempo que o membro está no laboratório e de

seu conhecimento acerca das práticas do CRISP. Do total de pesquisadores, 37% participam semanalmente de reuniões de orientação e, normalmente, são os pesquisadores mais novos no laboratório e no meio acadêmico. Desse mesmo conjunto, 20% participam esporadicamente, sendo aqueles que já estão há mais tempo no centro de estudos e que apresentam um domínio maior sobre os assuntos e a dinâmica do local. Além deles, 12% participam mensalmente e 11% quinzenalmente. Já o montante de 20% selecionou a opção “outros”, e algumas das descrições dessa resposta foram de membros que: não estão em pesquisa no momento; realizam reuniões com uma periodicidade muito maior do que as selecionadas; não conseguem determinar uma periodicidade; ou não participam mais de reuniões de orientação.

Na pergunta posterior, ao realizar a análise da satisfação dos membros em relação à frequência das reuniões de orientação, é visível que, embora a frequência não seja padronizada, é o ideal. Como a diversificação de realidades entre os membros é muito grande, é imprescindível que o CRISP se flexibilize para acompanhar o momento de cada um. Existem pesquisadores com mais de vinte anos no laboratório e pesquisadores que entraram recentemente. Existem pesquisadores que nunca participaram de pesquisas e pesquisadores que estão há muitos anos no meio acadêmico.

A padronização da frequência das reuniões de orientação nunca foi vista como a opção mais adequada pelos professores do laboratório e, conforme demonstram os dados, essa percepção se confirma. A enorme maioria dos pesquisadores está satisfeita (95%) com a frequência. Contudo, há uma minoria que não considera adequada a frequência adotada pelos professores (5%). Ao verificar quem são os pesquisadores pertencentes a este último grupo, não há um padrão relacionado à formação e ao tempo de laboratório, mas todos selecionaram a opção “esporadicamente” na pergunta de frequência das reuniões. A maioria deles apontou que a periodicidade deveria ser maior, e um deles mencionou o fato de a comunicação ser, recorrentemente, através de e-mails, o que leva a uma maior necessidade de contato pessoal.

Em conclusão, a percepção geral é positiva, indicando que o modelo adotado pelo CRISP funciona bem para a maioria. Ainda assim, cabe uma verificação mais minuciosa para decidir quais membros terão reuniões de orientação de forma esporádica ou não.

Ao realizar a análise do indicador de direcionamento das atividades, é possível perceber que a maioria dos pesquisadores considera o direcionamento excelente (77%), outra parte considera bom (20%) e a minoria considera regular (3%). De modo geral, como nenhum membro considera ruim e a grande maioria considera excelente, é perceptível que o direcionamento é bem avaliado. Contudo, não é possível analisar os motivos pelos quais nem todos consideram o direcionamento excelente, uma vez que apenas os que selecionaram “ruim” deveriam descrever o motivo.

Por fim, ao interpretar o último indicador de satisfação presente no formulário, os resultados são excepcionais. Todos os pesquisadores do laboratório consideram que as atividades propostas pelo CRISP incentivam a inovação e a produção de novos conhecimentos. Os motivos para essa unanimidade podem ser inúmeros. Dentre eles: a diversificação de pautas nas pesquisas; a liberdade de inovação que os membros possuem em seus projetos; a frequente adaptação do laboratório a novos temas e tecnologias; entre outros.

DADOS DE CONTRIBUIÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Ao final do formulário, foram realizadas três perguntas que tinham como foco entender como o CRISP influencia a vida acadêmica e profissional dos seus membros. A primeira pergunta é mais direcionada a identificar quais dos tópicos abaixo contribuem majoritariamente para a formação dos membros.

Gráfico 11: Impacto das atividades do CRISP na formação dos pesquisadores



Ao interpretar os dados mencionados, percebe-se que a maioria dos pesquisadores aponta “Desenvolvimento de habilidades de pesquisa” como a principal contribuição do CRISP para sua a vida acadêmica e profissional (52%).

Ainda por cima, se o início deste capítulo for retomado, observa-se que “Interesse em pesquisa acadêmica” é o principal fator que leva os bolsistas a se inscrevem no CRISP. Assim, conclui-se que a motivação inicial da maioria dos membros se torna, muitas vezes, o seu maior aprendizado. Situações como essa geram uma satisfação enorme no corpo de uma instituição e evidenciam que o CRISP está trilhando o caminho certo.

Adicionalmente, “Aprofundamento em temas de segurança pública e Justiça Criminal” também foi uma resposta muito mencionada (32%). Já a opção “Networking com pesquisadores e profissionais da área” obteve poucas respostas (5%). Na resposta “Outros” (7%) a maior parte dos pesquisadores disse que todas as demais opções se encaixavam como uma grande contribuição em suas vidas. Apenas um pesquisador mencionou “Experiência digital e nas mídias” como uma descrição para a resposta “Outros”.

A segunda pergunta do tópico “Contribuição acadêmica e profissional” foi: “Quais aspectos do seu aprendizado no CRISP você considera mais relevantes para sua formação futura?”. Nas respostas, diversos conhecimentos, aprendizados e habilidades foram citados, sendo alguns comuns a quase todos os pesquisadores e alguns muito individuais. As respostas mais frequentes envolviam: trabalho em equipe; conhecimento sobre dinâmicas criminais; interlocução com pesquisadores da área; desenvolvimento de condução e coordenação de pesquisa; aprendizado sobre políticas públicas; utilização de ferramentas de pesquisa; análise de dados; e prática com bases de dados extensas. Já as respostas menos comuns envolviam: experiência nas mídias e nos sites; compreensão aprofundada dos mecanismos institucionais do combate à violência doméstica; temas de violência em relação à população de rua; integração com especialistas de diversas áreas; e capacitação para analisar questões complexas sob múltiplas perspectivas.

Por último, a terceira pergunta do tópico “Contribuição acadêmica e profissional” foi: “Como a sua participação no CRISP mudou (ou não) sua vida acadêmica ou pessoal?”. Essa pergunta criou espaço para que os pesquisadores pudessem falar abertamente sobre a influência do CRISP na vida de cada um. Diante de inúmeras respostas significativas, algumas foram selecionadas para este relatório, permitindo demonstrar o impacto que o laboratório tem na vida de seus membros:

Alessandra Abrahão Costa – Doutoranda em Sociologia: “A minha participação no CRISP foi transformadora tanto no âmbito acadêmico quanto pessoal. O CRISP expôs as limitações do campo jurídico, que muitas vezes se apoia em uma falsa neutralidade das leis, sem considerar a complexidade das relações sociais e as desigualdades estruturais que essas leis podem perpetuar. Compreendi que a aparente imparcialidade da lei pode esconder hierarquias de poder, reforçando desigualdades de classe, gênero e raça. O CRISP me ensinou a pesquisar de forma crítica e empírica, revelando as camadas subjacentes aos debates que muitas vezes se limitam às manifestações superficiais dos problemas, como a ‘ponta do iceberg’. Participar desse ambiente acadêmico me desafiou a desvelar as estruturas invisíveis que moldam a sociedade e me transformou em uma profissional mais preparada para enfrentar as questões complexas e interseccionais presentes no sistema de Justiça e na segurança pública”.

Davidson Patrício de Novais – Especializado em Políticas Públicas: “Minha participação no CRISP oportunizou excelentes possibilidades de trabalho em atividades de pesquisa e docência, além de ter mudado também na esfera pessoal, por ter proporcionado conhecer diversas pesquisadoras e pesquisadores, de todas as etapas da vida acadêmica, pessoas que admiro e respeito profundamente como profissionais e com quem tenho boas relações pessoais. O ambiente de trabalho é maravilhoso e muito propício para uma vida saudável em um ambiente acadêmico”.

Deivid Rafael – Graduando em Ciência de Dados: “O CRISP mudou minha visão do meio acadêmico e, principalmente, minha percepção sobre segurança pública. Tive a oportunidade de conhecer pessoas e realizar trabalhos de campo em lugares que jamais imaginei visitar. Além disso, o CRISP me estimulou a desenvolver pesquisas e produções acadêmicas, proporcionando um incentivo ainda maior para continuar minha formação”.

Laura Maria Vieira – Graduanda em Psicologia: “Minha participação no CRISP tem reafirmado meu desejo de seguir na carreira acadêmica, além de me permitir oportunidades de estudar temáticas com as quais sempre tive afinidade. Os laços formados com pessoas de outros percursos acadêmicos também é superimportante”.

Luisa Melo Meslouhi – Graduanda em Ciências Sociais: “Minha participação no CRISP me permitiu um maior contato com a pesquisa acadêmica, o desenvolvimento de várias habilidades de trabalho e o aprofundamento em temáticas de segurança pública e criminalidade, que não são suficientemente contempladas no meu curso de graduação. Além disso, em termos pessoais, no CRISP aprendi muito sobre trabalho em equipe e criei laços de amizade e parceria com outros pesquisadores que ressignificaram a impessoalidade do ambiente acadêmico”.

Maria Elisa Rocha Couto Gomes – Doutoranda em Ciência Política: “Eu não apenas mudei de tema de pesquisa (deixei de estudar trabalho doméstico não remunerado para estudar sistema prisional) como me tornei uma pesquisadora mais segura acerca da minha própria produção. As trocas que temos entre os colegas do grupo, marcadas por generosidade e gentileza, foram fundamentais para que eu me tornasse uma pesquisadora mais confiante e também mais generosa e solidária com os meus colegas. Também acessei novas oportunidades de bolsa e consolidei meu currículo graças ao incentivo que a professora Ludmila nos dá para enviar trabalhos para congressos, escrever artigos para periódicos e de nos desafiar constantemente”.

O CRISP NO CONTEXTO

NACIONAL E INTERNACIONAL

Este capítulo terá como foco a relevância que o CRISP apresenta no cenário nacional e internacional. É essencial entender qual a visibilidade e qual a influência do laboratório atualmente, para que também possa ser gerada uma análise de seu impacto e de seu alcance. Compreender a realidade do laboratório e a sua influência permite a elaboração de estratégias para manter o que é vantajoso e melhorar o que é prejudicial.

Assim que uma instituição acadêmica adquire relevância, tanto nacional quanto internacionalmente, ela passa a ter acesso a mais benefícios e oportunidades. Entre eles, destaca-se uma maior probabilidade de impacto na produção de conhecimento, permitindo que questões sociais importantes sejam influenciadas por pesquisas e projetos realizados pelo laboratório. Além disso, essa visibilidade gera uma maior credibilidade e contribui para aumentar o reconhecimento à instituição, o que facilita a captação de recursos financeiros, de trabalhadores talentosos, de parcerias e de projetos, mantendo a qualidade da pesquisa. Por fim, os membros, ao presenciarem um ambiente de relevância acadêmica, também recebem maiores oportunidades para se desenvolverem durante e depois de trabalharem na instituição.

O CRISP NOS CANAIS DE COMUNICAÇÃO

Uma das fontes mais importantes para analisar qual a relevância de uma instituição são os canais de comunicação. Atualmente, o CRISP utiliza o site, o podcast e o Instagram. Ao longo do projeto “Memórias do CRISP”, foram recolhidos dados de cada uma dessas plataformas para, posteriormente, serem analisados.

No presente momento, o site contém: uma breve explicação sobre a instituição, nome e descrição dos integrantes, informações sobre a pós-graduação e a especialização, alguns dos projetos já realizados pelo laboratório, artigos, livros e teses, reportagens de imprensa, o podcast do CRISP, blogs e newsletter. O site foi recentemente aprimorado e completado, e permanece em constante atualização. Por outro lado, muitas informações ainda estão incompletas, como os projetos já realizados e os integrantes atuais da equipe. Felizmente, essas informações foram coletadas pelo projeto “Memórias do CRISP” e poderão ser introduzidas no portal eletrônico do Centro.

Todos os indicadores coletados no site correspondem a um período de doze meses, entre 22 de dezembro de 2023 e 22 de dezembro de 2024. Seguem abaixo os dados de acesso ao site:

Tabela 3 – Estatísticas de usuários e interação no site do CRISP

INDICADORES	DADOS
Usuários ativos	2.200
Novos usuários	2.100
Tempo médio de interação	1 minuto e 32 segundos

Um usuário ativo é aquele que gera algum tipo de engajamento, por exemplo, navegando por páginas do site, clicando em botões ou até mesmo rolando a página. Um novo usuário é aquele nunca acessou o site antes ou acessou há muito tempo e apagou o cookie do navegador. Ao analisar a quantidade de usuários ativos (2.200) e a quantidade de novos usuários (2.100) no período de 2024, conclui-se que, como os números são quase iguais, o site está atraindo constantemente pessoas novas. Esse dado é muito importante, pois sugere um fluxo estável de acesso ao site. Em contrapartida, o tempo médio de interação (1 minuto e 32 segundos) é muito baixo, sendo uma das possíveis causas o fato de diversas áreas do site direcionarem o usuário para outros locais, como arquivos em formato PDF, não permitindo que o Analytics registre essa atividade como tempo de interação.

Tabela 4 – Origem do tráfego no site do CRISP

INDICADORES	DADOS
Busca orgânica (Google, Bing etc.)	2.400
Acesso direto (digitando o link do site)	846
Referência (outros sites mencionando o CRISP)	55
Redes sociais (Facebook, Instagram etc.)	39
Outros	17

O tráfego se refere ao número de visitas que um site recebe. A tabela acima mostra a quantidade de visitas que acontecem em cada meio. Ao examinar a tabela, é notório que a principal forma de visita ocorre através da busca orgânica (2.400), ou seja, quando os usuários pesquisam por algo em mecanismos de busca, como o Google, e clicam no site do CRISP. Outra grande parte das visitas acontece por acesso direto (846), isto é, quando os usuários digitam ou colam o link do site no mecanismo de pesquisa. Já os acessos por referência (55), redes sociais (39) e outros (17) não acontecem com tanta frequência. Por meio dos dados de tráfego, como a busca orgânica é indiscutivelmente a principal fonte, é possível entender que o site está bem ranqueado em algumas palavras-chave. Contudo, poucas visitas ocorrem através das redes sociais, dado, provavelmente, pelo fato de o CRISP raramente divulgar o seu site no Instagram e não trabalhar com tráfego pago.

Em relação ao público por país que acessa o site, há: o Brasil com a grande maioria de acessos; os Estados Unidos com uma presença significativa; e o Canadá, a França, a Espanha, o Reino Unido e a Argentina com menor volume. Com esses dados, é possível interpretar que a presença internacional do CRISP, através do site, não é muito relevante, mas ocorre em países estratégicos.

Em suma, o site apresenta uma forte presença no Brasil, obtendo um bom volume de novos usuários e muita busca orgânica. Por outro lado, a relevância internacional do site do CRISP é um ponto de melhoria, uma vez que o público estrangeiro é muito baixo.

O podcast do laboratório, o CRISP Entrevista, é um podcast mensal no qual os membros do laboratório chamam um pesquisador para conversarem, de maneira informal, acerca de um tema escolhido. Esse projeto foi criado em 2020, durante o período da pandemia de Covid-19 no governo do ex-presidente Jair Bolsonaro. Como, ao longo daquele governo, ficou evidente o descaso com a área da saúde pública, o podcast visava à divulgação de como as temáticas de segurança pública eram tratadas pelo meio científico. De acordo com o site do CRISP, o podcast possui três objetivos: i) trazer um pouco da trajetória de pesquisadores que têm a segurança pública como objeto de estudo para inspirar jovens estudantes que queiram trabalhar nessa seara; ii) falar sobre como a pesquisa pode estimular o debate e interferir em problemas públicos como a política de controle do acesso a armas de fogo, o controle de homicídios, a re-

inserção de egressos do sistema prisional, dentre outros assuntos; e iii) mostrar que o problema da criminalidade no Brasil é mais diverso do que a situação do Rio de Janeiro, muitas vezes tomada como protótipo do País.

Na coleta dos dados do podcast CRISP Entrevista, considerando o período desde o primeiro episódio até o dia 26 de novembro de 2024, foi possível gerar alguns indicadores. Seguem abaixo algumas estatísticas gerais:

Tabela 5 – Estatísticas de audiência do podcast CRISP Entrevista

INDICADORES	DADOS
Reproduções totais	9.727
Tempo total de consumo	927 horas
Seguidores no Spotify	728
Pessoas alcançadas	1.762

A tabela acima mostra que o CRISP Entrevista apresenta 9.727 reproduções, sendo esse um número bom para um podcast acadêmico. Outra análise é que o CRISP Entrevista alcançou 1.762 pessoas, e, delas, 728 o estão seguindo no Spotify, sendo essa uma ótima taxa de fidelização.

O podcast tem 91% do seu público no Brasil, 3% nos Estados Unidos, 1% em Portugal e menos de 1% em cada um de outros 38 países. No Brasil, 40% dos ouvintes estão em Minas Gerais, 17% em São Paulo, 12% no Rio de Janeiro e vários outros estados apresentam, cada um, menos de 10% do total de ouvintes. O alcance internacional ainda não é considerado alto, mas, dado que o podcast é em português, ter 9% de ouvintes que residem fora do Brasil é algo que já pode ser considerado uma boa estatística. Além disso, a grande maioria dos ouvintes acessa o podcast pela plataforma Spotify, mas também há acessos pelo navegador web, pelo Apple Podcasts e por outras plataformas.

Como conclusão, o podcast CRISP Entrevista apresenta uma alta relevância para o nicho em que está inserido, obtendo uma forte presença no Brasil — principalmente, em Minas Gerais. Ademais, o Spotify é a principal referência para os ouvintes, devendo ser uma plataforma na qual o CRISP deve investir. O Instagram também é um forte meio de divulgação do Centro, sendo, atual-

mente, a única rede social ativa do laboratório. Ao tornar o perfil profissional, foi possível gerar alguns indicadores importantes. Seguem abaixo dados coletados referentes a um período de trinta dias, entre o dia 11 de janeiro de 2025 e 9 de fevereiro de 2025:

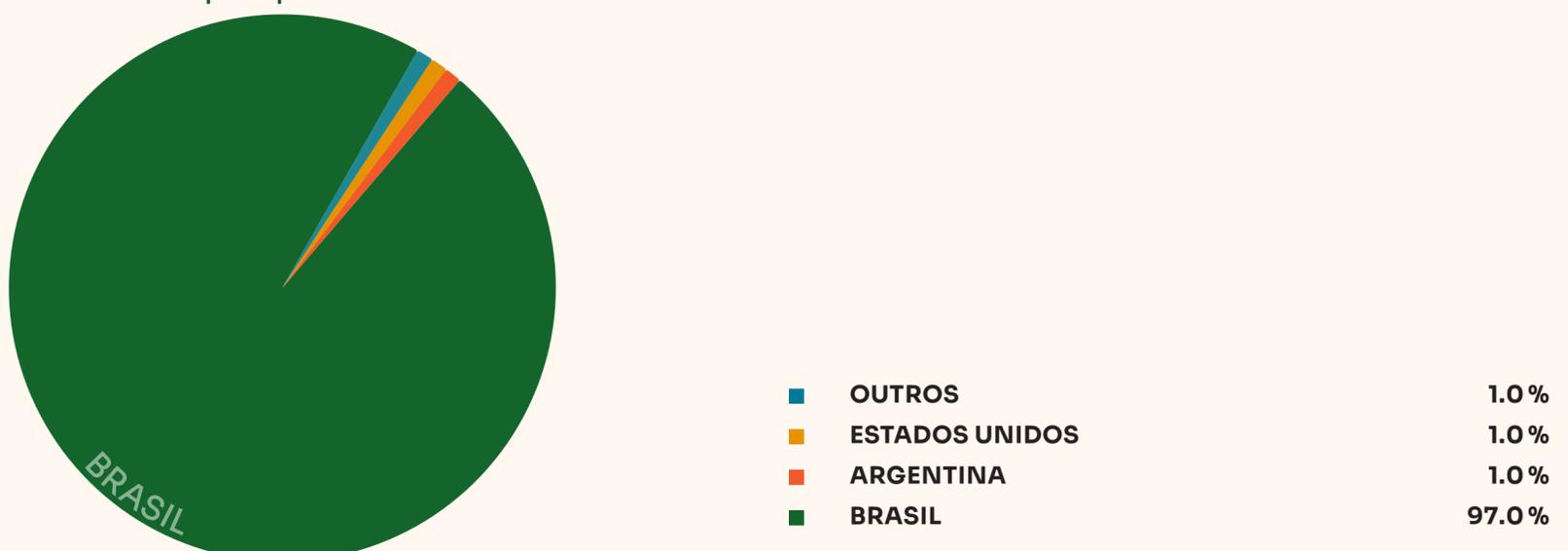
Tabela 6 – Estatísticas de engajamento no perfil do Instagram do CRISP

INDICADORES	DADOS
Número de visualizações	16.200
Número de interações	431
Novos seguidores	125
Deixaram de seguir	75

Cabe ressaltar que, atualmente, no dia 10 de fevereiro de 2024, o CRISP apresenta 478 publicações, 2.580 seguidores e segue 53 perfis. Levando em consideração esses fatores e a tabela acima, é possível realizar uma análise dos indicadores. Em um período de trinta dias, visto que o CRISP realizou apenas cinco postagens e quatro stories, apresentar 16.200 visualizações e 431 interações demonstra uma boa relevância. Além disso, o laboratório teve um ganho total de cinquenta seguidores durante esse período, o que representa um fluxo de crescimento.

Ao entrar nos dados demográficos das visualizações, é possível compreender qual é o público que o perfil do Instagram do CRISP alcança. Seguem os dados gerais desses usuários:

Gráfico 12 – Distribuição geográfica dos acessos ao perfil do Instagram do CRISP por país



**MEMÓRIAS CRISP:
HISTÓRIA, TRAJETÓRIA E DADOS DO LABORATÓRIO**

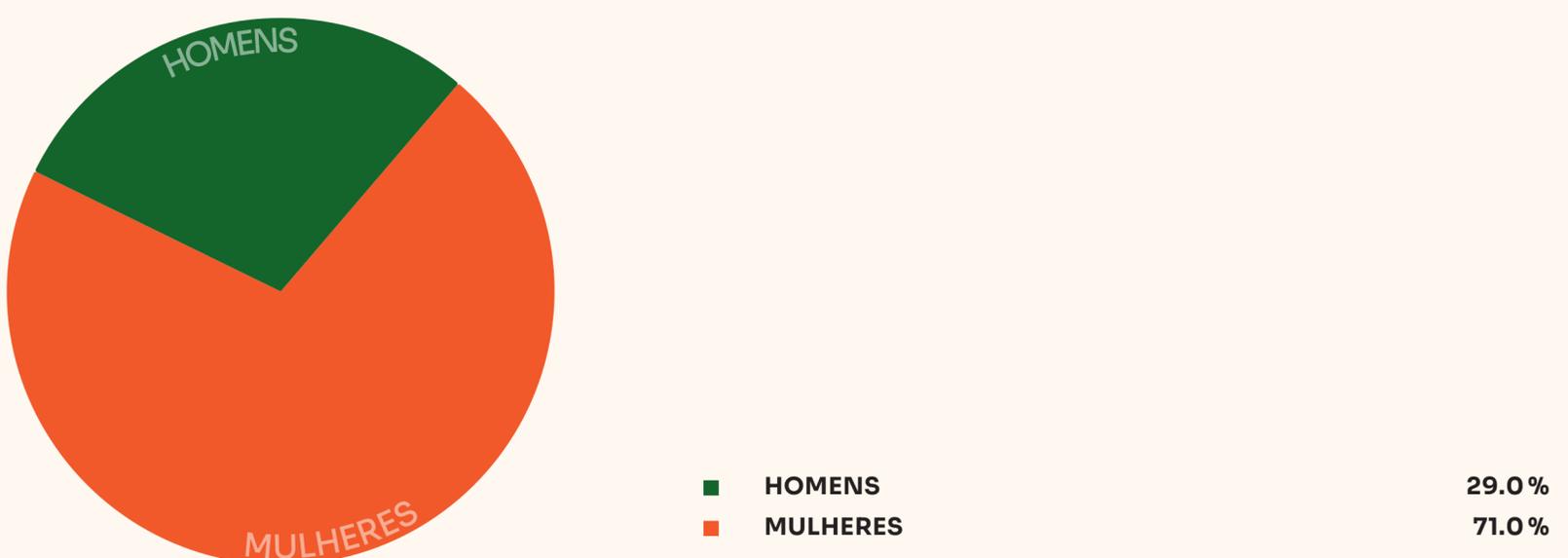
Gráfico 13 – Distribuição geográfica dos acessos ao perfil do Instagram do CRISP por cidade



Gráfico 14 – Distribuição etária dos seguidores do perfil do Instagram do CRISP



Gráfico 15 – Distribuição conforme gênero dos seguidores do perfil do Instagram do CRISP



Entender qual é o público-alvo nas mídias sociais de uma instituição não é um trabalho simples. Contudo, como, no intervalo de dois meses, houve pouca alteração nos dados, é possível compreender qual público o CRISP mais alcança atualmente. Nesse momento, majoritariamente os usuários são do Brasil (97%) e, nele, uma parte significativa reside na cidade de Belo Horizonte (42%). Em relação à faixa etária, os dados se diversificam mais, sendo 40% en-

tre 25 e 34 anos, 30% entre 18 e 24, e 21% entre 35 e 44 anos. Já no quesito de gênero, a grande maioria do público é mulher (71%).

Ao analisar os últimos dois anos do perfil do Instagram do laboratório, os posts mais visualizados incluem a divulgação de conquistas ou oportunidades do CRISP. A exemplo disso, o mais visualizado diz respeito a uma oportunidade de bolsa no laboratório; o segundo é sobre o acontecimento de um minicurso; e o terceiro é sobre a participação do CRISP no programa Outlab da UFMG. Além disso, vídeos e reels no perfil do Instagram do CRISP não costumam ter um grande alcance. Assim, cabe o estudo de quais tipos de posts costumam viralizar mais e ter maior engajamento, para que possa haver um maior foco nestes.

O CRISP NO MEIO ACADÊMICO

Uma outra forma de se obter influência no nicho do CRISP é ter relevância no meio acadêmico. A partir disso, foram realizadas pesquisas em alguns sites que destacam a relevância, tanto no cenário internacional quanto no nacional, do laboratório e dos seus professores na academia.

Hoje em dia, ao pesquisar “Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública” nos periódicos indexados da CAPES, sete resultados são encontrados, sendo um deles de produção internacional. Já na SciELO Brasil, uma biblioteca com foco em publicações acadêmicas que atendem a critérios rigorosos, apenas um resultado é encontrado.

Em contrapartida, ainda que os dados anteriores sugiram que o CRISP não apresenta tanta relevância no meio acadêmico, é importante lembrar que os professores também levam o nome do laboratório consigo. Os professores atuais são: Andréa Maria Silveira; Ana Paula Vasconcelos Gonçalves; Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro; Valéria Cristina de Oliveira; Bráulio Figueiredo Alves da Silva; Claudio Chaves Beato Filho; Claudio Santiago Dias Júnior; e Frederico Couto Marinho. Ao encontrar cada professor atual em sites voltados ao encontro de publicações acadêmicas e científicas, como o Google Acadêmico e o Web of Science, os resultados apresentam maior relevância.

Na tabela abaixo estão as informações encontradas de cada professor do CRISP no Google Acadêmico — para, assim, entendermos um pouco a maneira como as produções desse corpo docente reverbera na academia.

Tabela 7 – Indicadores de impacto acadêmico do corpo docente do CRISP segundo o Google Acadêmico

PROFESSOR	CITAÇÕES	ÍNDICE H	ÍNDICE I10
Ana Paula Vasconcelos Gonçalves	49	2	1
Andréa Maria Silveira	1.165	18	32
Bráulio Figueiredo Alves da Silva	1.413	18	27
Claudio Chaves Beato Filho	3.269	25	57
Claudio Santiago Dias Júnior	441	12	16
Frederico Couto Marinho	637	12	14
Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro	1.954	22	59
Valéria Cristina Oliveira	195	9	7

A análise do corpo docente do CRISP, com base nas métricas extraídas do Google Acadêmico, revela um perfil diversificado em termos de impacto acadêmico e produção científica. Dentre os docentes analisados, Claudio Chaves Beato Filho se destaca como o pesquisador com maior número de citações (3.269), além de apresentar um índice h de 25 e um índice i10 de 57, evidenciando uma ampla influência de suas publicações. Em seguida, Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro apresenta 1.954 citações, um índice h de 22 e um índice i10 de 59, demonstrando também um impacto significativo na área.

Bráulio Figueiredo Alves Silva aparece com 1.413 citações, um índice h de 18 e um i10 de 27, consolidando-se como outro pesquisador de alta relevância no grupo. Claudio Santiago Dias Junior e Frederico Couto Marinho apresentam números mais próximos, com 441 e 637 citações, respectivamente, e índices h e i10 similares, evidenciando uma produção acadêmica consistente. Já Valéria Cristina Oliveira e Ana Paula Vasconcelos Gonçalves possuem menos citações, o que pode indicar uma trajetória acadêmica em estágio inicial ou uma produção científica mais voltada para áreas específicas. No geral, os indicadores do corpo docente do CRISP refletem um núcleo de pesquisadores com forte inserção acadêmica e influência na área de

criminalidade e segurança pública, o que contribui para a consolidação do Centro como uma referência em pesquisa na área.

As informações da tabela a seguir foram extraídas da base de dados Web of Science, uma das principais plataformas para indexação e análise de publicações científicas em nível global. Essa base permite avaliar o impacto acadêmico de pesquisadores por meio da quantidade e qualidade de suas publicações. A análise do corpo docente do CRISP evidencia uma produção acadêmica diversificada, com temas que abrangem desde segurança pública e criminalidade até desigualdades educacionais e sociologia urbana.

Tabela 8: - Áreas de especialidade do corpo docente do CRISP segundo o Web of Science

PROFESSOR	ÁREAS DE ESPECIALIDADE
Ana Paula Vasconcelos Gonçalves	Segregação, desigualdade, sociologia urbana
Andréa Maria Silveira	Saúde do trabalhador, sistema prisional, criminalidade
Bráulio Figueiredo Alves da Silva	Criminologia aplicada, policiamento, gestão da segurança pública
Claudio Chaves Beato Filho	Segurança pública, criminalidade, políticas públicas
Claudio Santiago Dias Júnior	Demografia na segurança pública
Frederico Couto Marinho	Sociologia urbana, sociologia do crime
Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro	Sistema de Justiça Criminal, segurança pública
Valéria Cristina de Oliveira	Violência escolar, desigualdades educacionais

Por fim, foi analisada a quantidade de projetos coordenada por cada um dos pesquisadores ao longo dos 25 anos de história do CRISP, o que revela uma concentração significativa de projetos sob a responsabilidade de poucos professores, com uma distribuição desigual entre os membros. O professor Claudio Chaves Beato Filho se destaca como o coordenador com maior número de projetos, liderando com 59 projetos, o que representa 55,7% do total. Em

seguida, a professora Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro coordena 24 projetos, o que corresponde a 22,6% dos projetos. Juntas, essas duas figuras somam 78,3% dos projetos coordenados, evidenciando sua centralidade nas atividades do CRISP.

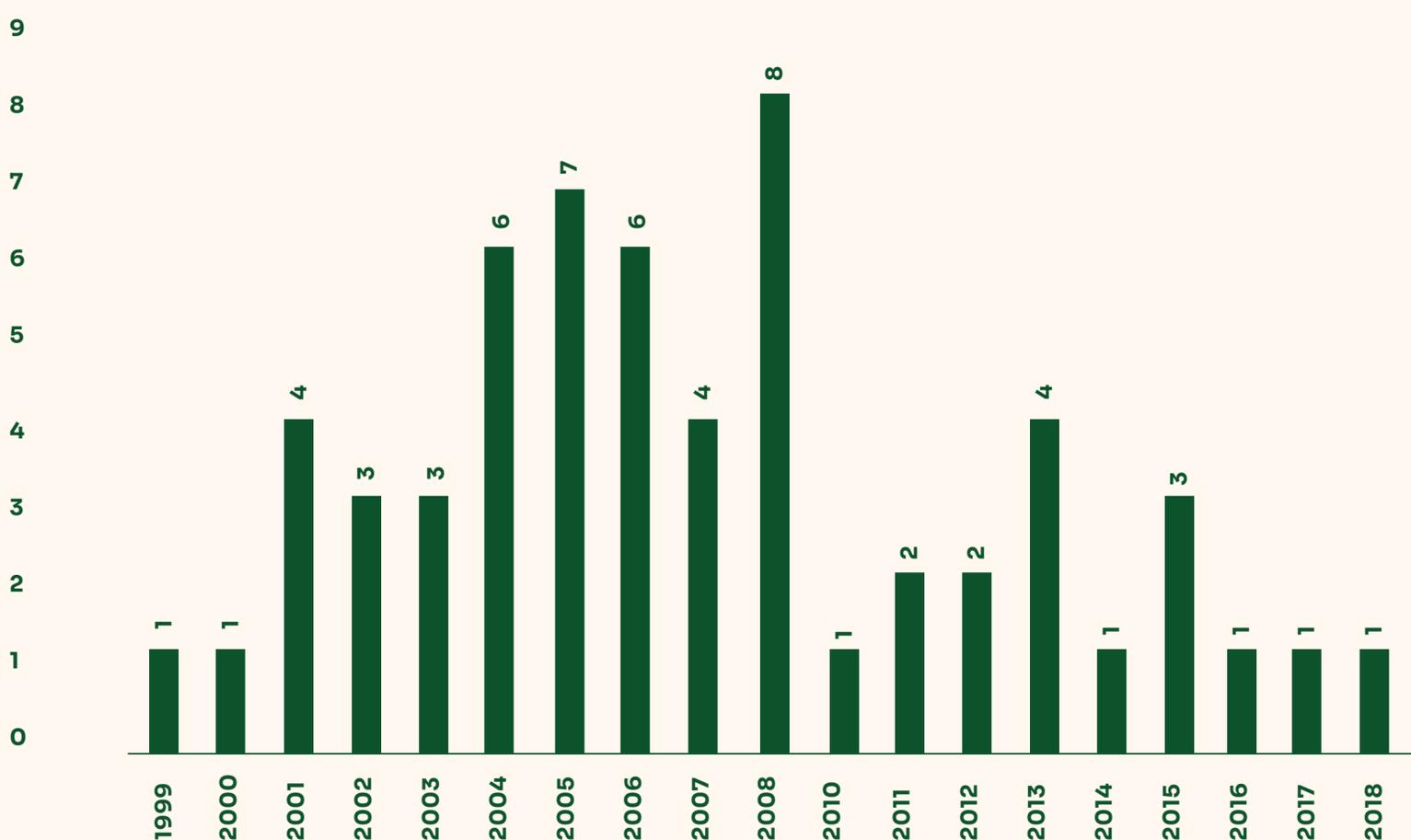
Por outro lado, os outros professores possuem uma participação menor na coordenação de projetos. Andréa Maria Silveira coordena oito projetos (7,5%), enquanto Bráulio Figueiredo Alves da Silva e Valéria Cristina de Oliveira estão à frente de seis projetos cada, representando 5,7% cada um. Por fim, professores como Ana Paula Vasconcelos Gonçalves, Claudio Santiago Dias Júnior e Frederico Couto Marinho coordenam apenas um projeto cada, representando 0,9% do total.

Tabela 9 – Quantidade de projetos coordenados por docente

PROFESSOR	QUANTIDADE DE PROJETOS COORDENADOS	PERCENTUAL
Ana Paula Vasconcelos Gonçalves	1	0,9
Andréa Maria Silveira	8	7,5
Bráulio Figueiredo Alves da Silva	6	5,7
Claudio Chaves Beato Filho	59	55,7
Claudio Santiago Dias Júnior	1	0,9
Frederico Couto Marinho	1	0,9
Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro	24	22,6
Valéria Cristina de Oliveira	6	5,7
Total	106	100

Essa distribuição desigual pode refletir tanto a experiência e a liderança consolidada de alguns coordenadores, como a existência de diferentes áreas de atuação dentro do CRISP, com projetos de maior ou menor escala e complexidade. A concentração de projetos nas mãos de poucos professores indica uma gestão mais centralizada nas mãos do professor Claudio Chaves Beato Filho por quase duas décadas como o único coordenador de projetos, o que deixa de acontecer com a sua aposentadoria em 2019, como indica o gráfico a seguir.

Gráfico 16 – Quantidade de projetos coordenados pelo professor Claudio Chaves Beato Filho



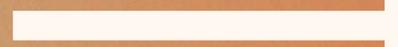
Em parte, essa função parece ter sido assumida agora pela professora Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro, mas representa risco de sobrecarga para essa profissional, o que precisa ser mais bem balanceado pela equipe. De maneira geral, a enorme quantidade de projetos coordenados por esses dois professores evidencia a importância de suas contribuições para a dinâmica do laboratório.

Portanto, ao analisar a relevância de cada um dos atuais professores do laboratório, é perceptível que o CRISP apresenta um corpo de docentes extremamente relevante na academia. O Centro apresenta um alto número de publicações, sendo diversas delas de prestígio em vários países. Ao somar o número de citações dos trabalhos, o montante encontrado é muito expressivo, demonstrando a relevância acadêmica que o CRISP possui. Várias dessas publicações também são internacionais e estão em locais de renome, o que sugere uma influência no Brasil e fora dele.

Ao indicar alguns dos temas mais abordados por cada professor, é notório que todos os assuntos tratados também são de muita influência na sociedade. Apresentar uma contribuição prática, não apenas no campo teórico, permite que as pessoas e as instituições vejam o impacto que o CRISP gera. Ademais, os trabalhos realizados possuem uma diversidade muito grande, o que é essencial para que os pesquisadores possam desenvolver diferentes habilidades e conhecimentos.

Em síntese, o CRISP é uma instituição que apresenta uma grande relevância tanto nos canais de comunicação, como já discutido anteriormente, quanto no meio acadêmico. Os seus projetos, as suas publicações e os seus membros são referências em âmbito nacional e internacionalmente, possibilitando grande influência, visibilidade e credibilidade ao Centro.

DESAFIOS E



— PERSPECTIVAS

— FUTURAS

Ao longo da trajetória do CRISP, vários desafios foram enfrentados, principalmente no início da caminhada. Porém, embora o laboratório tenha quase trinta anos de existência, muitos desses desafios ainda são uma barreira. Durante as entrevistas com os ex-membros e os professores atuais, houve perguntas cujo foco era entender quais são os desafios enfrentados atualmente e qual a perspectiva de cada um em relação ao futuro do laboratório. Já no formulário para os membros atuais, havia uma pergunta relacionada à sugestão de melhorias, ocasião na qual alguns membros citaram desafios e como estes podem ser superados.

Este capítulo será destinado a consolidar e analisar as informações que foram citadas ao longo do projeto “Memórias do CRISP” sobre esse tema. Primeiramente, cabe entender os desafios citados e as consequências geradas por eles. Em seguida, serão analisadas as perspectivas dos integrantes para o laboratório, ou seja, suas expectativas e as possíveis direções de crescimento identificadas. A seguir serão apresentados, separados em macroáreas, os desafios e as oportunidades encontrados em cada um dos tópicos.

SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA E EXPANSÃO

Durante todos os anos de existência do laboratório, independentemente de cenários favoráveis ou desfavoráveis, o CRISP nunca decaiu ou não conseguiu se sustentar. Os professores sempre tomaram a iniciativa e se empenharam muito em buscar financiamentos, projetos e parcerias. Entretanto, essa luta foi sempre necessária, uma vez que o laboratório, em poucos momentos, vivenciou uma estabilidade. A quantidade de projetos que o CRISP realiza é sazonal, em alguns momentos, há uma quantidade de projetos que supera a capacidade produtiva do laboratório e, em outros, quase não há projetos para serem executados.

Prever a variação dos recursos é uma situação complexa, dado que o CRISP depende de fatores externos para executar seus projetos. A exemplo disso, como o Centro costuma obter financiamento de órgãos públicos, o momento que o País vivencia é um fator muito importante, visto que crises podem diminuir a quantidade de projetos. Além disso, o CRISP fica dependente do alinhamento dos governos com a ideologia do laboratório.

Por outro lado, existem inúmeras oportunidades no quesito “sustentabilidade financeira e expansão”. Atualmente, o CRISP praticamente depende do cenário em que o Brasil está inserido, o qual, há muitos anos, é inconstante. Assim, a partir do momento em que o País não está com uma situação positiva, a probabilidade de o CRISP também enfrentar desafios financeiros é muito alta. Desse modo, uma das oportunidades presentes é o laboratório voltar a expandir suas fontes de financiamento para outros países, garantindo estabilidade. Contudo, como o CRISP, hoje em dia, realiza menos projetos com outros países, essa expansão não será um trabalho fácil. Um possível caminho é começar consolidando a relação já existente do laboratório com os países da América Latina, dado que o impacto nesse continente já é considerável. Posteriormente, o CRISP aumentará a sua influência e facilitará a expansão da relação com outros países.

Além dessa possibilidade de captação de recursos internacionais, o CRISP também apresenta a oportunidade de criar um foco nacional mais estratégico. Hoje em dia, uma das formas pelas quais o laboratório capta projetos é se inscrevendo em alguns editais. Assim, uma alternativa é o CRISP selecionar esses editais de acordo com os pontos fortes do laboratório, evitando dispersão e gastos de energia.

GESTÃO E INFRAESTRUTURA

Atualmente, o CRISP apresenta um número significativo de membros em sua estrutura organizacional, sendo todos esses integrantes bolsistas e nenhum contratado. Disso resulta o desafio de gerar uma continuidade do trabalho, visto que é mais difícil manter funcionários fixos no laboratório. Do mesmo modo, são bolsistas que realizam a parte administrativa do Centro, gerando obstáculos à operação do CRISP, uma vez que se torna menos eficiente e profissional ao misturar pesquisa e gestão.

O CRISP está inserido em uma sala da Fafich e na Unidade Administrativa III na UFMG. Contudo, esses espaços foram construídos há muitos anos e poucas vezes reformados. A sede do laboratório precisa modernizar sua infraestrutura, colocando equipamentos mais novos e funcionais, e realizando a manutenção de algumas máquinas. Ainda por cima, o laboratório precisa investir em novas tecnologias, como inteligências artificiais e aplicativos de reunião online.

Há algumas oportunidades encontradas no tópico de “Gestão e infraestrutura”. A primeira é a contratação de um gestor profissional, o qual realizará o trabalho de alguns bolsistas e, conseqüentemente, permitirá que esses dirijam seu foco apenas para as suas produções acadêmicas. Já a segunda é a melhoria da infraestrutura tecnológica, direcionando esforços para a modernização do laboratório. Essa melhoria permitirá o aumento da eficiência e da qualidade nas pesquisas realizadas pelo CRISP.

DIVERSIFICAÇÃO E EXPANSÃO DAS LINHAS DE PESQUISA

Desde sempre, o CRISP atuou em diversas linhas de pesquisa dentro dos temas de criminalidade e segurança pública. Contudo, o laboratório apresenta o desafio de se manter atualizado nas tendências modernas desses temas. Como consequência, se o laboratório não se mantiver atualizado, ele se torna obsoleto, e a possibilidade de diversificar e expandir as linhas de pesquisa se faz cada vez mais limitada.

Outro grande desafio dentro deste tópico é a falta de integração com outras áreas do conhecimento. Em um determinado momento, o CRISP buscou ativamente colaborações interdisciplinares — principalmente, dentro da UFMG. Porém, algumas parcerias continuaram no laboratório e outras saíram, e, infelizmente, não se manteve o hábito de continuar buscando por mais pesquisadores de outras áreas. Conseqüentemente, o CRISP, atualmente, mantém poucos integrantes e parcerias que não sejam da área das Ciências Humanas.

O laboratório tem a oportunidade de se atualizar acerca das tendências atuais e, posteriormente, utilizar novos métodos e se expandir para temas mais diversos. A sociedade, o governo, a ciência, a academia e o mercado alteram a todo momento as suas necessidades de pesquisa. Por exemplo, no início do CRISP, os temas trabalhados, ainda que da mesma área, eram bem diferentes dos atuais, visto que as necessidades e os assuntos também eram distintos. Logo, cabe ao laboratório se modernizar e se atualizar constantemente, tanto em tecnologias quanto em temas de pesquisa.

Além disso, a reaproximação do laboratório com outras áreas da pesquisa também é uma enorme oportunidade. A UFMG apresenta professores de

referência em todos os cursos presentes na universidade. O CRISP deve desfrutar dessa oportunidade e se empenhar em manter contato com diferentes áreas da ciência. Como resultado, o laboratório se beneficiará de diversas vantagens, como maior facilidade na formação dos pesquisadores em diferentes áreas, na captação de recursos e na expansão das linhas de pesquisa.

FORMAÇÃO E CAPTAÇÃO DE TALENTOS

Embora o CRISP constantemente forme e capte grandes talentos, o laboratório enfrenta alguns desafios para que isso possa acontecer. Dentre eles, destaca-se o fato de não haver uma estrutura de ensino consolidada na UFMG voltada ao estudo de criminalidade e segurança pública. Hoje em dia, a universidade até possui disciplinas optativas voltadas à criminologia, mas não há um mestrado ou um doutorado acerca desses temas. Outro desafio presente é a falta de referência clara para os novos pesquisadores. No presente, o CRISP apresenta diferentes professores de renome, mas, como todos eles atuam em pesquisa na área de criminalidade e segurança pública, não é explícito em qual tema cada um é especialista.

O CRISP apresenta a oportunidade de se tornar base para a criação de um programa de pós-graduação na UFMG voltado à criminalidade e à segurança pública. Para tornar o programa possível, o laboratório deve seguir o processo de avaliação da CAPES, o qual avalia alguns critérios bem específicos. O laboratório, como já analisado anteriormente, oferece um corpo docente qualificado, produção acadêmica forte, demanda crescente e muita experiência, favorecendo sua avaliação. Criar um mestrado e um doutorado nessa área permitirá que os membros do CRISP possam, em paralelo ao seu trabalho no laboratório, estudar mais sobre os assuntos. Isso, entre outros benefícios, auxiliará na captação e na manutenção dos pesquisadores no laboratório.

Uma outra oportunidade que o CRISP apresenta é possuir professores especialistas em diferentes temas. Com isso, haverá uma comunicação mais estratégica, pois, quando a imprensa, os alunos ou os clientes procurarem por algum membro que seja referência em um assunto, será mais fácil indicar alguém. Essa distinção também implicará uma melhoria na formação acadêmica dos membros, visto que os alunos presenciarão um corpo docente mais diversificado e especializado.

REGISTRO DA MEMÓRIA E GESTÃO DO CONHECIMENTO

Este tópico abordará o desafio que levou o CRISP a realizar o projeto “Memórias do CRISP”. Como já mencionado, o laboratório, ainda que referência em análises de dados, acabou não constituindo uma base de dados sólida e permanente para armazenar suas informações. Alguns membros do laboratório tinham o hábito de registrar suas informações, mas a maioria as manteve apenas consigo, resultando na perda de diversos dados. Essa situação acontecia, e ainda acontece, porque, muitas vezes, o membro não tem onde colocar as suas informações e os seus documentos, como em um banco de dados ou um drive. Além desses materiais, toda a “memória do CRISP”, ou seja, sua história e sua trajetória, também está armazenada nos membros, não havendo registros sobre ela. O laboratório, então, apresenta o desafio de consolidar uma gestão do conhecimento explícito e deixar registrada a memória do CRISP.

Para solucionar o impasse da gestão do conhecimento explícito, uma base de dados eficaz foi criada ao longo do projeto “Memórias do CRISP”. O laboratório tem a oportunidade de continuar completando a planilha e aprimorá-la cada vez mais. A criação de um espaço comum em que os membros do laboratório possam deixar suas informações e seus documentos também é extremamente importante.

Já para solucionar o desafio do registro da memória do laboratório, escreve-se este relatório. É essencial que haja a preservação da memória institucional do laboratório para que esse conhecimento não se perca na saída de pesquisadores e professores. O intuito principal deste documento é permitir que os membros, antigos, atuais e futuros possam conhecer a história do CRISP. Uma trajetória bem documentada, ao demonstrar a evolução e os marcos importantes do laboratório, também facilita a consolidação da influência do Centro. Portanto, o CRISP tem a oportunidade de continuar esse projeto para os próximos anos, documentando, periodicamente, a sua evolução.

Após citar alguns desafios e algumas perspectivas, é notório que, embora o laboratório precise enfrentar algumas barreiras, há um futuro grandioso pela frente. Todas as oportunidades citadas são extremamente factíveis e, se bem conduzidas, podem gerar inúmeras vantagens para o CRISP. Esses avanços permitirão que o laboratório amplie seu impacto e consolide a sua relevância, tópicos essenciais para o crescimento constante do centro de estudos.

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

Ao longo de sua trajetória, o Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) se consolidou como uma referência no meio acadêmico e no de políticas públicas. Apesar de seus desafios no decorrer do caminho, o laboratório soube se fortalecer a cada momento. O projeto “Memórias do CRISP” pôde integrar marcos importantes e informações únicas em um só documento. Desde a sua fundação, o laboratório soube desempenhar um papel crucial para a sociedade. Projetos emblemáticos — como o Integração da Gestão em Segurança Pública (IGESP), o Programa Fica Vivo! e a Pesquisa Nacional de Vitimização — mostram o papel significativo que o CRISP tem na sociedade. Esses e outros projetos, além de influenciarem políticas do Brasil, também tiveram o privilégio de se tornar referência para pesquisas internacionais.

O CRISP tem relevância não apenas perante o Poder Público, mas também na vida de cada um dos seus membros. A comunidade CRISP se mostrou extremamente satisfeita com o trabalho do laboratório. Essa troca de experiências e conhecimentos tem permitido uma visão mais ampla e fundamentada sobre os desafios da segurança pública no País. A formação é qualificada, o conhecimento é diverso e o trabalho é colaborativo e leve. Esse é um tópico muito importante, uma vez que os pesquisadores são um elemento essencial para tornar possível toda essa caminhada e todo esse sucesso do CRISP.

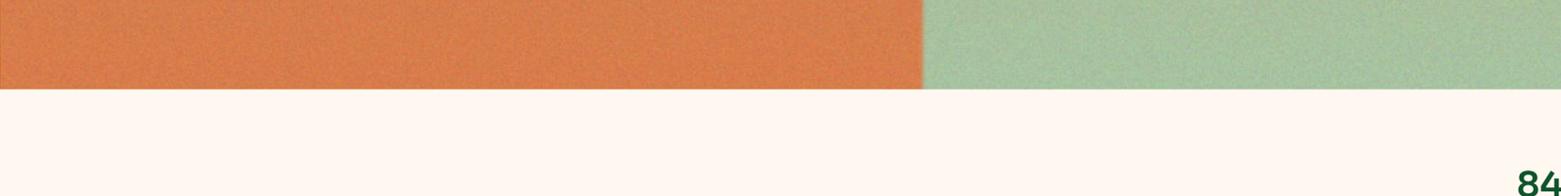
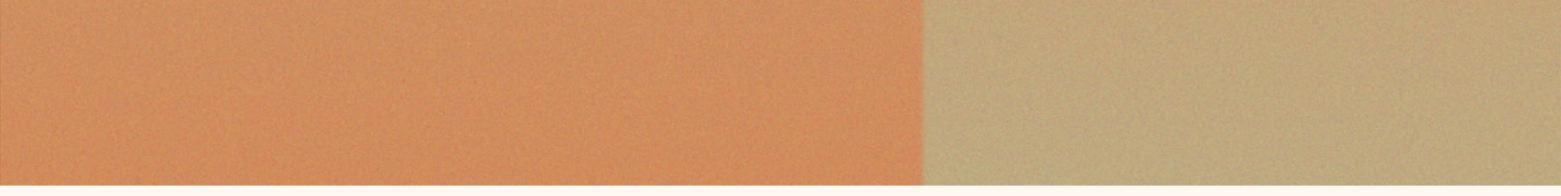
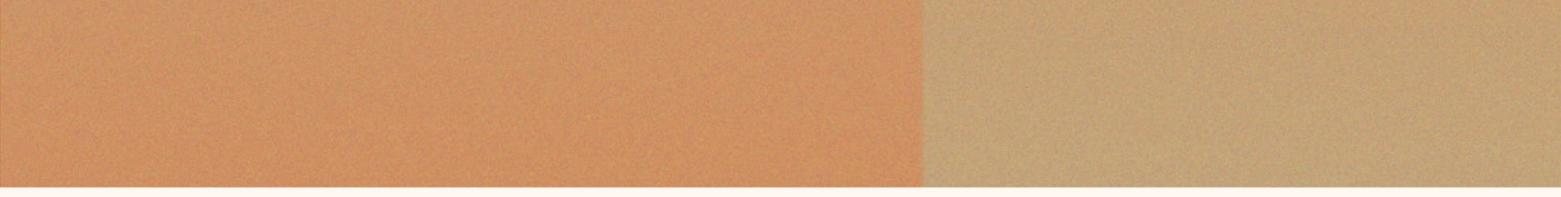
Apesar dos grandes avanços, o CRISP continua a enfrentar alguns desafios estruturais. Há dificuldades nas áreas de gestão e infraestrutura, diversificação e expansão das linhas de pesquisa, formação e captação de talentos, registro da memória e gestão do conhecimento. Por outro lado, em cada um desses tópicos são encontradas inúmeras oportunidades. Olhando para o futuro, é essencial que o CRISP continue se adaptando às novas demandas da sociedade e expandindo seus horizontes.

O Centro tem desempenhado um papel essencial na transformação da maneira como a criminalidade é vista e analisada nos dias de hoje, tanto pelo Estado quanto pela sociedade. O laboratório continua sendo um exemplo de ciência e pesquisa aplicada. Seus projetos sobre políticas de segurança pública, criminalidade, sistema prisional, Justiça Criminal e programas de gestão são e continuarão sendo referência para as instituições da área.

O CRISP apresenta uma enorme credibilidade na seara, o que faz com que o laboratório amplie seu impacto e consolide a sua relevância, aspectos es-

senciais para o crescimento constante do laboratório. O Centro representa um espaço em que as Ciências Sociais se transformam em um impacto real. Seu compromisso com a sociedade e com a academia deve permanecer constante, buscando sempre melhores soluções para cada um dos problemas

— REFERÊNCIAS



AGÊNCIA MINAS. Programa da Sejusp identifica áreas críticas para reduzir a criminalidade em Minas. Agência Minas, Belo Horizonte, Caderno Segurança, 12 jul. 2024. Disponível em: <https://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/programa-da-sejusp-identifica-areas-criticas-para-reduzir-a-criminalidade-em-minas/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

BEATO, Claudio. O que é o Fica Vivo? Portal eletrônico do CRISP – Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública, Belo Horizonte, [s.d.]. Disponível em: https://www.crisp.ufmg.br/documentos/fica_vivo.pdf. Acesso em: 7 fev. 2025.

BEATO, Claudio; ALMEIDA, Klarissa de; RODRIGUES, Keli; TORISU, Cristiane Kazuko; MARINHO, Karina Rabelo Leite. Avaliação do Projeto de Integração das Agências de Segurança Pública (IGESP) da Secretaria de Defesa Social de Minas Gerais. Belo Horizonte: Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2008

BEATO, Claudio; SILVEIRA, Andréa Maria; SILVA, Bráulio Figueiredo Alves da; MARINHO, Frederico Couto; RIBEIRO, Ludmila; ZILLI, Luís Felipe; OLIVEIRA, Valéria Cristina; COUTO, Vinícius Assis. Pesquisa Nacional de Vitimização. Belo Horizonte: Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2012. Disponível em: <https://www.crisp.ufmg.br/>. Acesso em: 7 fev. 2025.**BID – BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO.** Programa Integração da Gestão em Segurança Pública (IGESP) de Minas Gerais. Portal eletrônico Plataforma de Evidências, [s.l.], 2025. Disponível em: <https://plataformadeevidencias.iadb.org/pt-br/casos-avaliados/programa-integracao-da-gestao-em-seguranca-publica-igesp-de-minas-gerais>. Acesso em: 13 fev. 2025.

GOOGLE SCHOLAR. Google Acadêmico. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

IMA, Renato Sérgio de; RATTON, José Luiz (org.). As ciências sociais e os pioneiros nos estudos sobre crime, violência e direitos humanos no Brasil. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Urbania; ANPOCS, 2011.

MINAS GERAIS. Secretaria de Segurança Pública. Diretriz IGESP 2020–2022. Belo Horizonte: SEJUSP, 2020.

MUZZI, Luiza. Forças de segurança se reúnem em Uberlândia para discutir propostas contra a criminalidade. Portal eletrônico Sejusp – Secretaria de Segurança Pública de Minas Gerais, Belo Horizonte, 7 nov. 2024. Disponível em: <https://www.seguranca.mg.gov.br/index.php/noticias/forcas-de-seguranca-se-reunem-em-uberlandia-para-discutir-propostas-contr-a-criminalidade#:~:text=%22Tem%20sido%20uma%20experi%C3%Aancia%20muito,integra%C3%A7%C3%A3o%20se%20fortaleceu%22%2C%20pontuou.&text=A%20primeira%20reuni%C3%A3o%20de%20rede,da%20Crian%C3%A7a%20e%20do%20Adolescente.&text=A%20metodologia%20Igesp%20tem%20como,as%20chamadas%20%22zonas%20quentes%22..> Acesso em: 13 fev. 2025.

SCIELO. Scientific Electronic Library Online. Disponível em: <https://www.scielo.org/>. Acesso em: fev. 2025.

SEJUSP – SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS. Programa Fica Vivo! Portal eletrônico Sejusp – Secretaria de Segurança Pública de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025. Disponível em: <https://www.seguranca.mg.gov.br/index.php/prevencao/programas/fica-vivo>. Acesso em: 13 fev. 2025.

SEJUSP – SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS. Integração da Gestão em Segurança Pública (IGESP). Portal eletrônico Sejusp – Secretaria de Segurança Pública de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025. Disponível em: <https://www.seguranca.mg.gov.br/index.php/integracao/igesp#:~:text=A%20metodologia%20da%20Integra%C3%A7%C3%A3o%20da,P%C3%BAblica%20e%20de%20Justi%C3%A7a%20Criminal..> Acesso em: 13 fev. 2025.

SEJUSP – SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DE MINAS GERAIS. Metodologia IGESP. Portal eletrônico Sejusp – Secretaria de Segurança Pública de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025. Disponível em: <https://legado.seguranca.mg.gov.br/ajuda/page/3115-metodologia-igesp>. Acesso em: 13 fev. 2025.

SILVEIRA, Andréa Maria; ASSUNÇÃO, Renato Martins; SILVA, Bráulio Alves Figueiredo da; BEATO, Cláudio. Impacto do Programa Fica Vivo na redução dos homicídios em comunidade de Belo Horizonte. Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 496-502, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/qmmPVKJkZqdh58ZDzMKhGbP>. Acesso em: 21 abr. 2025.

SOUZA, Letícia Lopes de. O que parece detalhe, mas pode mudar a segurança: conheça o trabalho realizado pelo IGESP. Portal eletrônico Sejusp – Secretaria de Segurança Pública de Minas Gerais, Belo Horizonte, 12 jul. 2024. Disponível em: <https://www.seguranca.mg.gov.br/index.php/noticias/o-que-parece-detalhe-mas-pode-mudar-a-seguranca-conheca-o-trabalho-realizado-pelo-igesp>. Acesso em: 13 fev. 2025.

WEB OF SCIENCE. Portal de pesquisas científicas. Disponível em: <https://www.webofscience.com/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

FONTES DE PESQUISA

FRANÇA, Júlia. Memórias - CRISP (Membros atuais). Belo Horizonte, 2025. Dados coletados por meio de formulário eletrônico.

FRANÇA, Júlia. Trajetória CRISP. Belo Horizonte, 2025. Base de dados consolidada em formato eletrônico (.xlsx).

EX-MEMBROS DO CRISP. Entrevistas concedidas a FRANÇA, Júlia. Belo Horizonte, 2025.

PROFESSORES DO CRISP. Entrevistas concedidas a FRANÇA, Júlia. Belo Horizonte, 2025.

FINANCIADORES DO CRISP. Entrevistas concedidas a FRANÇA, Júlia. Belo Horizonte, 2025.

INSTAGRAM. Dados analíticos do perfil @crisp.ufmg. Relatório interno extraído por FRANÇA, Júlia, em 12 fev. 2025.

GOOGLE ANALYTICS. Relatório de tráfego do site do CRISP. Dados extraídos por MIGLIANI, Wellington, em 12 fev. 2025.

CRISP. Dados analíticos do Podcast CRISP Entrevista. Relatório interno extraído por MIGLIANI, Wellington, em 12 fev. 2025.